

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas

Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Marina Del Papa

**VERDADE OU CONSEQUÊNCIA:
a fantasia e a virtualidade na adolescência**

Belo Horizonte

2020

Marina Del Papa

**VERDADE OU CONSEQUÊNCIA:
a fantasia e a virtualidade na adolescência**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Nádia Laguárdia de Lima.

Belo Horizonte

2020

150 Del Papa, Marina
D331v Verdade ou consequência [manuscrito] : a fantasia e a
2020 virtualidade na adolescência / Marina Del Papa Silva. -
2020.
100 f. : il.
Orientadora: Nádia Laguárdia de Lima.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
Inclui bibliografia.

1. Psicologia – Teses. 2. Fantasia - Teses. 3. Adolescência – Teses. I Lima, Nádia Laguárdia de. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA



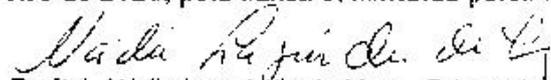
FOLHA DE APROVAÇÃO

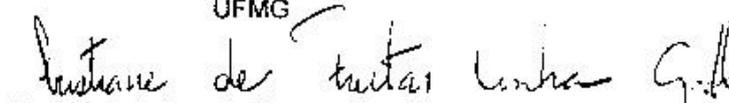
Verdade ou Consequência: a fantasia e a virtualidade na adolescência.

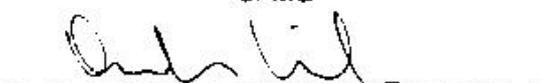
MARINA DEL PAPA

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em PSICOLOGIA, como requisito para obtenção do grau de Mestre em PSICOLOGIA, área de concentração ESTUDOS PSICANALÍTICOS, linha de pesquisa Conceitos Fund. Psicanálise Invest. Campo Clínico e Cultural.

Aprovada em 10 de fevereiro de 2020, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Nádya Laguardia de Lima - Orientador
UFMG


Prof(a). Cristiane de Freitas Cunha Grillo
UFMG


Prof(a). DANIELA TEIXEIRA DUTRA VIOLA
UFSJ

Belo Horizonte, 10 de fevereiro de 2020.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Nádia Laguárdia pelo acolhimento do meu tema e pelo cuidado em sua leitura da minha escrita. Sempre gentil, transmitiu a mim uma prática desejante e entusiasmada, seja na esfera da clínica, seja na esfera docente.

Agradeço a Gabriela Araújo, a primeira pessoa com quem eu dividi meu tema, sempre me acolhendo com muita gentileza e carinho durante a vida.

Também gostaria de agradecer à minha família: minha mãe Tania Rossi Del Papa, que é meu maior exemplo de dedicação, amor e inteligência; minha irmã Clara Del Papa, que me acompanha nos dias de sol e nos dias de bastante tempestade desde muito cedo, nunca saberei dizer sobre a minha gratidão por você; minha irmã Maíra Souza, que compartilha do meu lado a fazer minimamente desta vida uma boa risada. Tenho um amor infinito por vocês.

Agradeço às minhas queridas amigas Luiza Magalhães, Mariana Magalhães e Cecília Batista, Ana Paula e Fernanda, Luiza Bougleux pela linda amizade, companheirismo e incentivo com o meu trabalho, pelo que me apoiam e inspiram todo dia.

Agradeço aos meus amigos do mestrado: Allisson, que merece uma “Folha de Ouro” por ser tão especial, foi uma alegria sua companhia nesse percurso; Marcela, outro encontro especial do mestrado que, com sua leveza, me acolheu.

Por fim, ao grupo Além da Tela, pela troca de experiência e amizade, e também à Fapemig, pelo apoio financeiro desta pesquisa.

RESUMO

DEL PAPA, M. (2020). *Verdade ou Consequência: a fantasia e a virtualidade na adolescência* (Dissertação de Mestrado não publicada). Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

Esta pesquisa parte da apresentação de um extrato clínico para responder ao seguinte questionamento: o adolescente poderia se servir da virtualidade, como um apoio à fantasia, para regular o encontro com o outro sexo? Para fazer essa reflexão, trabalha com a teoria psicanalítica, tendo como ênfase a noção de fantasia, em três capítulos. O primeiro, que tem como título “Da realidade ao Real: a fantasia em Freud e Lacan na perspectiva da verdade”, aborda a concepção de fantasia em Freud e em Lacan, relacionando-a com a noção de verdade. O segundo, “Do despertar do Real da puberdade à estabilização da realidade pela fantasia”, discute o tempo lógico da adolescência como um momento de reorientação da fantasia. Por fim, o terceiro, “Aproximação entre a fantasia e a virtualidade: tem consequências?”, apresenta algumas aproximações entre a realidade virtual e a realidade psíquica para analisar as relações entre fantasia e virtualidade. Como conclusão, considera que o adolescente tanto pode se servir da virtualidade para evitar o encontro com o outro sexo, como pode utilizá-la como apoio para a reatualização da fantasia, fundamental para a travessia da adolescência e o encontro com o outro sexo.

Palavras-chave: fantasia; adolescência; virtualidade.

ABSTRACT

DEL PAPA, M. (2020). *Truth or Consequence: Fantasy and Virtuality in Adolescence*. (Unpublished Master's Thesis). Department of Psychology, Federal University of Minas Gerais, Belo Horizonte.

This research starts from the presentation of a clinical extract to answer the following question: could the adolescent use virtuality, as a support to fantasy, to regulate the encounter with the other sex? To make this reflection, it works with psychoanalytic theory, focusing on the notion of fantasy, in three chapters. The first, which is titled "From reality to Real: fantasy in Freud and Lacan from the perspective of truth", addresses the conception of fantasy in Freud and Lacan, relating it to the notion of truth. The second, "From the awakening of the Real of puberty to the stabilization of reality by fantasy", discusses the logical time of adolescence as a moment of reorientation of fantasy. Finally, the third, "Approximation between fantasy and virtuality: are there consequences?", it presents some similarities between virtual reality and psychic reality to analyze the relationships between fantasy and virtuality. As a conclusion, he considers that the adolescent can both use virtuality to avoid the encounter with the other sex, as can use it as support for the reupdate of fantasy, fundamental for the crossing of adolescence and the encounter with the other sex.

Words-key: fantasy; adolescence; virtuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. DA REALIDADE AO REAL: A FANTASIA EM FREUD E LACAN NA PERSPECTIVA DA VERDADE	14
1.1. Vitória e jogo: verdade ou consequência.....	14
1.2. Da realidade à fantasia em Freud	19
1.3. O paradigma da fantasia.....	27
1.4. A fantasia e a perspectiva da verdade em Freud.....	29
1.5. A lógica da fantasia em Lacan.....	33
1.6. Realidade vs. Real: os elementos lógicos $\$$ e a	42
1.7. A fantasia e a perspectiva da verdade em Lacan.....	46
2. DO DESPERTAR DO REAL DA PUBERDADE À ESTABILIZAÇÃO DA REALIDADE PELA FANTASIA	52
2.1. A presença da angústia na adolescência	55
2.2. A fantasia e a estabilização na adolescência.....	61
2.2.1. <i>A estabilização do sujeito adolescente pela fantasia em Freud</i>	62
2.2.2. <i>Estabilização na adolescência pela fantasia em Lacan</i>	65
2.3. A fantasia para o adolescente na contemporaneidade	70
3. APROXIMAÇÃO ENTRE FANTASIA E VIRTUALIDADE: SEM CONSEQUÊNCIAS?	74
3.1. A potência da virtualidade.....	75
3.2. O movimento da banda de Moebius: entre a fantasia e o ciberespaço.....	79
3.2.1. <i>A fantasia e o Real no ciberespaço</i>	83
3.3. A fantasia e o gozo no virtual: há consequências na adolescência?	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	91
REFERÊNCIAS	95

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	499
Figura 2.....	799

INTRODUÇÃO

A nossa pesquisa parte da experiência clínica para buscar compreender a função da fantasia no tempo lógico da adolescência. O extrato clínico apresentado nesta dissertação tem como ponto de partida o jogo nomeado *verdade ou consequência* que ocorreu em um ambiente virtual. A pergunta que nos orienta é: o adolescente poderia se servir da virtualidade, como um apoio à fantasia, para regular o encontro com o outro sexo?

A psicanálise nos ensina que cada caso é único. Assim, é o caso que nos serve de guia nesta pesquisa teórica. Entretanto, não trabalhamos com a construção do caso, mas com um fragmento seu, especialmente em função da brevidade do tratamento clínico.

A noção de fantasia atravessa todo o trabalho, sendo o eixo norteador do nosso estudo teórico. Para responder à pergunta desta pesquisa, dividimos a dissertação em três capítulos: no primeiro, buscamos conceituar a fantasia para a psicanálise; no segundo, refletimos sobre a função da fantasia no tempo lógico da adolescência; por fim, no terceiro, abordamos de que modo a fantasia pode servir-se do espaço virtual, operando de forma a regular o encontro do adolescente com o outro sexo.

O primeiro capítulo, intitulado “Da realidade ao Real: a fantasia em Freud e Lacan na perspectiva da verdade” realiza a distinção da realidade material e da realidade psíquica (inconsciente) em Freud para mostrar que a fantasia é inconsciente. Utilizamos como apoio o percurso de Jorge (2010) designado como ciclo da fantasia em Freud, do período de 1906 a 1911 e mais dois textos em meados de 1920, para demonstrar a importância da fantasia na realidade material da neurose. A fantasia seria a possibilidade de o neurótico estar na realidade e retirar-se dela.

A fantasia ganha um novo contorno a partir do texto de Freud publicado em 1919, *Bate-se numa criança* (1919/2010). Lacan (1957/1995) retoma esse texto de Freud ressaltando a redução lógica da fantasia, e um ensaio para a articulação do conceito de Real.

Mas destacaremos mais profundamente o conceito de fantasia a partir de Lacan (1966-1967/2008) que dedica-se, no seminário 14 *A lógica do fantasma*, a desenvolver o axioma: \$ ◇ a. o. Resgatamos o significante *verdade*, oferecido pelo fragmento clínico, para apontar a sua relação com a fantasia. Em Freud, a verdade tem uma ressonância com a realidade, a fantasia mostra-se como um mecanismo para suportar a realidade, que comporta uma verdade com que o sujeito não quer lidar. Já em Lacan, a verdade não pode ser dita, apenas inventada. A fantasia tem um estatuto de verdade, na medida em que pode se semidizê-la nessa invenção. A consequência seria o efeito desse encontro com a verdade quanto Real.

O segundo capítulo, “Do despertar do Real da puberdade à estabilização da realidade pela fantasia”, sustenta a hipótese de que o despertar do Real da puberdade tem um efeito desestabilizador na relação do sujeito com a realidade, desencadeando a angústia. Nesse sentido, a reorientação da fantasia permitiria sua estabilização. Seguimos, aqui, com Freud (1905/2016), que não utiliza o termo adolescência, e sim puberdade, que se refere às transformações biológicas que ocorrem na passagem do corpo infantil para o corpo adulto. No entanto, ele se interessa pelo trabalho psíquico ocasionado pelas transformações da puberdade. Para Freud (1905/2016), a concepção de objeto se torna muito importante para desenvolver a fantasia na puberdade. Ao afirmar que a escolha do objeto é inicialmente realizada pela via da imaginação, ele propõe que a vida sexual do adolescente não tem outra opção senão a de entregar-se à fantasia. A escolha pelo objeto sexual está sustentada, então, segundo Freud, no laço de amor estabelecido com os pais desde a mais tenra infância. Assim, ele aborda a fantasia pela via do romance familiar dos neuróticos. A estabilização do sujeito na adolescência passa pela construção do seu romance familiar.

Lacan (1974/2003) aponta que na puberdade o sujeito é despertado pelo enigma sobre o desejo do Outro, momento paradigmático do confronto com a inexistência da relação sexual. Quando o véu da fantasia é levantado, há uma desestabilização da realidade para o sujeito, que se vê, sem um saber para operar com o Real, despertando a angústia. Ao se deparar com o que faz furo no saber, o sujeito adolescente precisa construir novo conhecimento sobre si que possibilite alojar o seu gozo e sustentar seu desejo (Lima, 2009). Esse saber sustenta-se na fantasia, que lhe permitirá organizar sua existência, sua relação com o mundo e com o gozo.

Finalmente, apresentamos uma reflexão sobre o estatuto da fantasia no contemporâneo. Para alguns autores, acompanhamos um fechamento da função da fantasia na época atual, pois, de um Outro calcado na tradição, passamos a um Outro sem sinal, que tende ao relativismo. Nessa perspectiva, o mercado de consumo funcionaria como o Outro de nossa época, fazendo crer na existência de um objeto de consumo passível de complementar a falta subjetiva. A influência virtual não foge desse ordenamento do mercado, que se oferece como mais um produto que promete o gozo sem limites, e isso também traria implicações sobre a adolescência (Miller, 2015).

Essas reflexões levaram ao terceiro capítulo e último desta dissertação, intitulado “Aproximação entre a fantasia e a virtualidade: tem consequências?” Nele, apresentamos duas características da teoria da virtualidade para fazer uma aproximação entre a fantasia e o *ciberespaço*. A primeira é sua potência, vinculada à capacidade de “vir a ser”, sendo nossa principal referência Pierre Lévy. A segunda característica seria trabalhada a partir da topologia da superfície, tendo com objeto de estudo a faixa de Moebius articulada por Lacan (1966-1967/2008) no seminário 14 *A lógica do fantasma*. A faixa de Moebius nos permite pensar sobre a noção de tempo e espaço presente na realidade psíquica e na realidade virtual.

A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado, por sua vez, de *virtus*, força, potência, conceito presente na história da humanidade antes mesmo da noção de ciberespaço. Como ilustra Nobre (2009), o *ciberespaço* foi introduzido na literatura de ficção científica em 1984, pelo escritor *cyberpunk* William Gibson. Gibson compreende o *ciberespaço* como o resultado de um conjunto de redes de computadores no qual circulariam as informações sob diversos formatos, tratando-se de um espaço não físico ou territorial. Para Lévy (1996), a virtualidade pode ser compreendida em sua dinâmica de potência, bem como pode ser relacionada ao modo de pensar e conceber o indivíduo e a sua realidade.

A relação entre virtualidade e fantasia pode ser pensada a partir de Freud em seu texto *A interpretação dos sonhos* (1900/1990, parte II). Neste trabalho, Freud aponta que a problemática psíquica vai além da causalidade orgânica. Para Nobre (2014), Freud nos oferece um sinal de que a problemática psíquica se encontra no pensamento que seria, portanto, virtual. O pensamento surge como pura possibilidade, o que seria o melhor exemplo do que se compreende como virtual, uma vez que no pensamento tudo está em condição de possibilidade. Se o pensamento contém essa qualidade virtual, a fantasia possuiria essa mesma qualidade.

Propomos uma diminuta reflexão sobre a topologia da superfície, que será utilizada na faixa de Moebius, como um apoio para pensarmos a lógica do inconsciente e sua relação com o ciberespaço. Nessa aproximação, defenderemos que a fantasia possui a mesma lógica espaço-temporal do ciberespaço, sendo, portanto, suscetível à atualização no ambiente virtual. A partir de Lacan (1966-1967/2008), em seu seminário 14 *A lógica do fantasma*, tomamos a ideia de superfície da faixa que teria a lei vetorial de retroação, que permite compreender o pensamento numa lógica que subverte as noções de tempo e espaço.

Para Lacan (1966-1967/2008), a vetorização permite o movimento de retorno. A banda ilustra a noção freudiana de *a posteriori*, relida por Lacan como *après-coup*, ou seja, só

depois. A fantasia como tributária desse corte moebiano também possui essa característica vetorial.

Sendo assim, como nos lembra Nobre (2014), a fluidez da realidade virtual permite ultrapassarmos, com bastante praticidade, a rigidez das balizas temporais e espaciais requeridas pela realidade material, sendo assim tal fluidez encontra eco na mobilidade da fantasia e, por via dela, opera essa passagem. Esclarecido essa aproximação retomamos a pergunta da pesquisa, qual seja, se a fantasia, como uma operação que permite certo tratamento do real, poderia se servir da virtualidade para regular o encontro do sujeito adolescente com o outro sexo, a partir do que o extrato clínico nos ensinou.

1. DA REALIDADE AO REAL: A FANTASIA EM FREUD E LACAN NA PERSPECTIVA DA VERDADE

*Is this the real life?
Is this just fantasy?*

Mercury, 1975

1.1. Vitória e jogo: verdade ou consequência

Vitória é uma adolescente de 14 anos, a mais nova de três irmãs. Seus pais são separados, e foi a mãe quem procurou o atendimento para a filha. O motivo da consulta foi a preocupação da mãe com a exposição da filha na internet, pois, ao mexer no computador da jovem, encontrara uma foto de seu seio.

Inicialmente, a jovem não apresentou nenhuma demanda de ser atendida. Relatava incômodo com a situação de ir ao psicólogo, porque achava que não havia feito nada de errado e que não tinha nada para dizer. Contudo, a oferta da escuta possibilitou a transferência, que levou à construção do seu romance familiar.

Segundo Vitória, o pai é um homem bastante inteligente, “*acima da média*”, que possui vários relacionamentos amorosos e que se destaca em todas as áreas, como, por exemplo, no campo profissional, pois tem mais de uma graduação e um alto cargo. Ele sempre convoca Vitória para participar de seus primeiros encontros com as mulheres, para ajudar a passar uma “*melhor impressão*” e também para sustentar suas mentiras.

A partir de sua fala, constatamos que a relação de Vitória com o pai era o que lhe causava angústia, e não o compartilhamento da foto do seu seio na internet. O que possibilitou o laço transferencial foi a escuta atenta da fantasia de Vitória sobre o lugar depreciativo que a mulher ocupa junto ao homem. Esse tema surge a partir de sua descrição da traição do pai e

de sua comparação com as mulheres da família. Vitória comenta que sua mãe é uma mulher perfeita, assim como suas irmãs, que sempre foram bonitas e delicadas. Entretanto, a mãe, mesmo sendo “perfeita”, já foi traída pelo pai. Ao contrário das “mulheres perfeitas” de sua família, Vitória se sentia “masculinizada”.

No decorrer dos atendimentos, Vitória apresenta os seus impasses em relação à sexualidade. Pontua, com muita ênfase, que não tem rigor para escolher o sexo do parceiro, mas demonstra apresentar uma dificuldade especial no encontro com um homem.

Vitória descreve suas experiências com meninas e seus desencontros com meninos. Comenta sobre o seu primeiro beijo, que foi dado em uma menina, com a justificativa de que, quando chegasse a beijar um homem, “saberia o que fazer”. Assim, afirma que as experiências com as garotas eram uma forma de preparação para um relacionamento com um garoto.

Vitória dizia que “brincava” com os garotos que se aproximavam dela, dando a eles falsas esperanças, como quando marcava um encontro. Ela combinava vários encontros com eles e se “esquecia” de comparecer: “*Tem um menino que já esqueci três vezes, tadinho*”. Os encontros com os rapazes eram, assim, sempre adiados.

Questionada sobre as brincadeiras que fazia com os rapazes, Vitória afirma que gostava de receber declarações deles. Segundo ela, isso “*faz bem para a autoestima*”. Acrescentou que também a deixa em uma posição superior em relação a eles: “*Tem que ter um que manda*”. Segundo ela, em certo fim de semana combinou de ir a um show com um garoto, mas lhe deu um “perdido”: “*Ele era um cara legal, mas quando fui para o banheiro tinha uma menina tão linda, que esqueci dele e passei o show no banheiro beijando essa menina*”.

Durante as sessões, Vitória fala sobre o seu movimento constante de marcar e adiar o encontro com um homem. Como justificativa para evitar o contato, ela define os garotos

como imaturos, fracos e ruins, e demonstra certa angústia com a possibilidade de ter um encontro corpo a corpo com um homem. Fala sobre o nojo que sente pelo corpo masculino, descrevendo-o como um “corpo sujo”, contrapondo-o com o corpo da mulher, considerado um “corpo limpo”. Entretanto, Vitória não afastava a ideia de ter um relacionamento com um homem. Segundo a jovem, as experiências com mulheres eram preliminares para o encontro com um homem, até que a ideia do corpo masculino não lhe fosse mais repulsiva. Essa repulsa sentida pela ideia do contato corporal era acompanhada da fantasia acerca da posição de vulnerabilidade que o desejo por um homem a colocaria. Para Vitória, caso o seu desejo fosse captado pelo homem, ela assumiria o lugar de objeto degradante para ele. Dessa maneira, ela se esquivava do encontro corpo a corpo com um rapaz.

Vitória ressalta a importância de negar aos homens o seu desejo, dizendo que eles poderiam “destruir” as mulheres. Assim, aconselhava suas amigas a terem experiências sexuais, mas negarem o fato de terem transado com algum rapaz: “*Negue até morrer*”, era o seu principal conselho. Para ela, os rapazes não sabiam fazer bom uso da experiência sexual com as mulheres. Eles tiravam vantagem dessa informação e as expunham, fazendo fofocas.

Em todas as sessões, Vitória falava sobre as suas formas de adiar o encontro corpo a corpo com um rapaz. Ela dizia esperar o dia em que aparecesse um homem do qual ela não sentisse nojo e pelo qual ela pudesse mostrar seu interesse. Mas afirmava que ficar com um homem seria mostrar fraqueza e fragilidade.

A identificação com o pai parece ter sido a forma encontrada por Vitória de não se manter em uma posição de inferioridade em relação aos homens. Ela buscava atrair o desejo de um homem, mas sem, contudo, satisfazê-lo, mantendo o controle da situação. Assim, ela poderia sentir-se em posição de superioridade em relação a ele. Entretanto, a escolha de objeto não parecia definida para ela. Vitória estava sempre buscando atrair o desejo dos rapazes e demonstrava curiosidade sobre como seria o relacionamento com um homem. Ela

gostava de beijar as colegas na frente dos rapazes, especialmente daqueles que demonstravam interesse por ela. Assim, os beijos eram endereçados ao olhar dos “homens”. Vitória descrevia as suas experimentações no campo sexual com as mulheres, sem mencionar qualquer envolvimento amoroso.

Em uma das sessões, Vitória menciona um jogo do qual participou no Facebook. Ela o nomeou como “Verdade ou Consequência”. O grupo de jogadores era formado por ela, uma amiga e dois rapazes que moravam em outra cidade, mas que eram conhecidos de sua amiga. Segundo Vitória, o jogo funcionava da seguinte maneira: todos podiam perguntar sobre qualquer assunto, incluindo os de cunho sexual. Em uma primeira jogada, Vitória fez perguntas para os rapazes sobre o corpo masculino e o ato sexual, como, por exemplo, sobre pênis e penetração. Eles, por sua vez, questionaram as garotas sobre o corpo da mulher, os órgãos sexuais femininos, a vagina. Vitória também fez perguntas sobre as experiências sexuais dos rapazes e sobre o lugar da mulher no desejo de um homem: “*Quantas pessoas você já beijou?*”, “*Com quantas já transou?*” e “*O que você faria comigo?*”. Vitória acrescentou: “*Falamos de tudo, de sexo até as perguntas mais nada a ver, por exemplo: se você estivesse em uma ilha deserta você levaria sua mãe ou um livro?*”

A psicanalista pergunta à Vitória sobre o que seria “a consequência” do jogo, ao que ela responde prontamente: “*É a melhor parte, eu nunca vou encontrar esses garotos, então eu nem ligo*”. A vantagem do jogo virtual, para ela, era a de poder falar sobre “tudo”, na tentativa de se apreender “toda a verdade” sobre o sexo, sem ter, contudo, que sofrer as consequências do encontro corpo a corpo. A virtualidade permitia certa aproximação dos rapazes, garantindo, entretanto, o afastamento dos corpos.

Depois desse dia, Vitória faltou a algumas sessões, em um intervalo de duas semanas, justificando estar “apertada” com as provas da escola. Ela, então, retornou ao atendimento contando, animada, que tinha uma novidade: estava namorando um garoto. Ao ser

questionada sobre essa decisão, Vitória disse que estava testando, sendo “menos radical”, e que ele era interessante.

Depois de algum tempo, Vitória retorna bastante angustiada repetindo diversas vezes: “*eu não tenho ninguém*”. Relata que suas notas pioraram, os problemas com o pai aumentaram e os relacionamentos com os rapazes não são mais uma preocupação para ela. Ela demonstra dificuldades para falar de seus sentimentos e acaba por abandonar o atendimento.

A escolha desse fragmento clínico para o desenvolvimento da pesquisa ocorreu em função do nosso interesse pelo uso que a adolescente fez da virtualidade. A nossa pergunta poderia nos levar à discussão sobre a partilha sexual, mas, em função da restrição de uma dissertação de mestrado, optamos por seguir apenas a trilha da fantasia, que já é bastante densa.

O jogo *verdade ou consequência*, também conhecido como *verdade ou desafio*, é um jogo bastante popular no Brasil, sendo mais frequentemente jogado por adolescentes. Consiste, muitas vezes, de um grupo de colegas que gira uma garrafa, apostando na contingência desse giro, permitindo àquele que estiver de um dos lados da garrafa realizar uma pergunta de foro íntimo (presumindo-se a resposta verdadeira) para o outro, do outro lado da garrafa, que é desafiado a dizer a verdade ou assumir a consequência colocada por quem pergunta. A utilização virtual realizada pelo grupo relatado foi uma criação espontânea, ocorrendo por um bate-papo no Facebook. A nomeação foi dada por Vitória, que pôde perguntar para o Outro sobre seu lugar no desejo de um homem, encarnado em qualquer outro.

A ideia do jogo nos levou a pensar em sua relação com a fantasia, seguindo inicialmente as pistas freudianas sobre a função do jogo para a criança (Freud, 1920/2010). A análise do Fort-Da revela como a criança, através do jogo, pôde lidar com uma vivência

dolorosa da realidade. Freud (1920/2010) nos adverte que essa repetição inscrita no brincar é produzida por uma forte impressão na vida da criança. O jogo simbólico do carretel demarca a entrada do sujeito na linguagem, com seu efeito de perda de gozo. O brincar de Vitória no espaço virtual, atualizado no tempo lógico da adolescência, revela o seu manejo para lidar com a questão enigmática do desejo do Outro, assim como os seus impasses em relação ao sexo. Ao abordarmos os seus impasses na relação com o outro sexo, o que está em questão não é o gênero masculino ou feminino, mas o Real enquanto alteridade.

1.2. Da realidade à fantasia em Freud

Para abordar o conceito de fantasia, torna-se necessária a distinção do que é conhecido como realidade material,¹ realidade psíquica e Real,² pois, sempre que a noção de fantasia é trabalhada tanto por Freud quanto por Lacan, a realidade é colocada em questão. A realidade material teria *status* de verdade factual. Nos estudos sobre as neuroses, verificamos a oscilação de Freud em colocar em questão a realidade contada pelos pacientes, assim como, ao mesmo tempo, uma busca acerca da cena traumática existente, mostrando como eram obscuros e desconhecidos os limiares com os quais se deparava. Podemos inferir que a possibilidade de Freud ter como objeto de trabalho a discussão sobre o que é a realidade chegou-lhe como sintoma, como enigma, através do seu estudo sobre as histéricas, no qual se deparou com uma realidade independente das normas vigentes da realidade material e que iria mais além, sendo fundamentalmente mais importante para cada sujeito a realidade psíquica. Com o declínio da teoria da sedução ligado a uma cena traumática, observamos a conhecida

¹ Utilizaremos realidade material como também realidade exterior e factual. Freud não faz distinção desses três termos em sua obra. Desse modo, compreendemos que, ao utilizá-los aqui, não comprometemos o entendimento do conceito.

² Empregaremos em nosso texto a noção de Real com inicial maiúscula, segundo o conceito de Real para a psicanálise, ou seja, como o que Lacan designa como estritamente impensável e como gozo para além da significação.

Carta 69, na qual Freud (1897/1990) relata a Fliess o seu reconhecimento de que as cenas de sedução jamais tinham acontecido, que eram apenas fantasias forjadas. Porém, é importante destacar que, por mais que as cenas fossem fantasias forjadas, não significa a abolição do efeito traumático da cena fantasiada.

Na psicanálise, partimos da leitura de Freud acerca da noção da fantasia inconsciente, que é também nomeada uma fantasia advinda da realidade psíquica. O extenso trabalho desenvolvido por Freud (1900/1990) em *A interpretação dos sonhos* nos leva à sua articulação sobre o que é a realidade psíquica e sua aproximação com a fantasia, a partir de uma profunda discussão sobre a vida onírica. Para Freud (1900/1990), o inconsciente é a verdadeira realidade psíquica, tendo como natureza a mais íntima relação com o desconhecido. Tem como característica um material incompleto, que não permite uma total descrição. A realidade psíquica ocuparia uma parcela vigente da vida de cada sujeito, não podendo ser confundida com a vida exterior. Em Freud, a fantasia já aparecia em um momento anterior a essa obra, mas o marco aqui estabelecido seria o da relação com o desejo inconsciente contido na fantasia, assim como no sonho, que seria fundamental na constituição da realidade psíquica.

Como auxílio em nosso percurso sobre o conceito de fantasia, buscamos apoio no texto de Jorge (2010), que descreve o *ciclo da fantasia* em Freud, correspondente ao período de 1906 a 1911. Segundo a perspectiva do autor, o ciclo diz respeito aos trabalhos que Freud desenvolveu sobre a fantasia inconsciente, tendo iniciado com o ensaio sobre *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen* (Freud 1907-[1906]/1996). Neste trabalho, Freud analisa o romance literário *Gradiva*³, cujo personagem é Nobeert Hanold, Freud aborda a passagem de uma fantasia que ganha amplitude até tornar-se um delírio. Demarca, assim, a existência do

³ Romance literário escrito por Wilhelm Jensen e publicado em 1903. Acredita-se que Freud escreveu o trabalho especialmente para atender a uma sugestão de Jung. Freud publicou o texto em maio de 1907 e, pouco depois, ele enviou um exemplar do mesmo a Jensen (Freud, 1907/1996).

delírio histérico e um delírio paranoico, trazendo à tona como os produtos da imaginação seriam considerados espantosos em uma pessoa da vida real. Ainda entre o período de 1906 e 1911 verificamos outros trabalhos, como *Escritores criativos e devaneios de 1907/1908*, nos quais percebemos como Freud realiza a comparação entre os escritores e as crianças com seus jogos e brincadeiras, apontando como ambos investem muito na criação de um mundo de fantasia. A diferença é que os escritores criativos se apoiam na irrealidade do mundo imaginativo, que é importante para sua técnica. Já as crianças, *a priori* começam com os seus jogos imaginários ligados a objetos reais; ao amadurecer ela para de brincar e segue abdicando dos objetos reais e construindo castelos no ar, o que é nomeado de devaneio.⁴

O interessante nesse escrito de Freud é perceber como ambos, escritor e criança, mantêm uma relação com a saída e a construção da realidade: tanto um quanto o outro perfeitamente distinguem a realidade do imaginário, porém, o escritor despoja-se da realidade para obter e transmitir prazer ao utilizar a escrita; já a criança, captura a realidade através dos objetos reais e, no decorrer do brincar, desinveste do objeto real e se agarra na fantasia ou devaneio.

Nesse texto, contudo, não está especificada a distinção da fantasia e o devaneio e a lógica inconsciente, em virtude dos impasses teóricos da época, mas mesmo assim Freud encoraja-se em levantar pontos para pensar a fantasia inconsciente. Ele destaca a dificuldade de analisar a fantasia na vida adulta, pois a criança não oculta seu brinquedo da sua fantasia, mas o adulto envergonha-se da sua fantasia, escondendo-a das outras pessoas, acalentando suas fantasias no seu mais íntimo. Essa fantasia já aparece determinante pelo desejo, mas o adulto tenta ocultá-lo devido à vergonha das fantasias infantis e proibidas.

Jorge (2010) nos lembra outro texto pertinente de ser mencionado, chamado *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908/1996). Ao longo dessas teorias, o termo fantasia não é

⁴ Devaneio seria um imaginar desperto que não assumiu domínio sobre a realidade ainda, como no caso dos delírios.

utilizado por Freud para designar as teorias sexuais infantis, porém, fica evidente que é sobre as fantasias de que se está tratando. Freud (1908/1996) apresenta o seu material de base sobre como as crianças constroem teorias (fantasias) sexuais. O desejo da criança por esse tipo de conhecimento (sexual) não surgiria espontaneamente; aconteceria em consequência, talvez, de alguma necessidade inata de causas estabelecidas; por exemplo: a origem dos bebês. Mas a partir do despertar, a criança iniciaria suas diversas teorias, desde supor que tanto homens como mulheres possuem um pênis, o que geraria, por consequência, os efeitos de ameaça de castração. As lendas e os mitos atestam o transtorno da vida emocional e todo o horror ligado ao complexo de castração; complexo este que será subsequentemente lembrado com grande relutância pela consciência. Na concepção freudiana, as teorias sexuais típicas surgidas nas crianças podem ocorrer por circunstância doméstica, por exemplo, em casos em que elas testemunham acidentalmente uma relação sexual entre os pais. O que Jorge (2010) complementa, que é o importante das teorizações sobre a sexualidade e a fantasia, é que devem ser consideradas como paradigmática do não-senso do Real ligado à relação sexual: a criança inventa teorias porque lhe falta o saber instintivo sobre o sexo. Ademais, tais teorias pretendem preencher o furo, a falta de inscrição do Outro sexo, e sustentar, a seu modo, a existência da relação sexual.

O final do ciclo proposto por Jorge está no texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911/2010). De acordo com Jorge (2010), esse ciclo revela o lugar da fantasia no aparelho psíquico, traduzido pela onipresença da atividade do fantasiar, sendo formulado por Freud de forma inequívoca: como um modo de produzir uma satisfação que, negada, por um lado, pela realidade, continua sendo requisitada pela pulsão. A fantasia é uma saída que, por si só, concilia duas exigências altamente imperiosas: a pulsional, que exige a satisfação a qualquer custo, e a renúncia exigida pela realidade, que coloca obstáculos continuamente para a obtenção dessa mesma satisfação pulsional.

O texto *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico* (1911/2010) nos fornece uma estrutura metapsicológica da fantasia, além de destacar a articulação da fantasia com as pulsões parciais, demarcando o entendimento do seu papel essencial à sintomática do neurótico. A operação lógica contida neste trabalho é a de que o objeto é ligado a uma perda que, por efeito, causa sofrimento, levando o sujeito a se retirar da vida real, assim como também é a característica da perda do objeto especial dos neuróticos, como condição de acesso à realidade.

Freud (1911/2010) explana que os órgãos dos sentidos capturam o mundo externo e a consciência a eles vinculada, que, além das qualidades de prazer e desprazer, a princípio vinculadas ao que interessava ao bebê, também começa a aprender as qualidades sensoriais, estabelecendo uma função especial de periodizar e examinar o mundo exterior para que seus dados sejam conhecidos quando surgir uma necessidade interior inadiável – a atenção. Tal atividade vai ao encontro das impressões de sentidos. Em vez de aguardar seu aparecimento, Freud postula que é provável que esse sistema de registro tenha como tarefa guardar os resultados dessa periódica atividade da consciência – uma parte denominada de memória. No lugar do recalque, que tinha como objetivo excluir do investimento uma parte das ideias emergentes, por gerar desprazer, colocou-se o juízo imparcial, que teria como função resolver se determinada ideia é verdadeira ou falsa, ou seja, se está de acordo com os traços de memória da realidade.

A descarga motora, governada pelo princípio do prazer, serve para aliviar o aparelho anímico de aumentos de estímulos, por via de inervações encaminhadas para o interior do corpo, recebendo uma nova tarefa, ao ser utilizada na modificação adequada da realidade, transformando-se em ação. A suspensão da descarga motora (ação), que se tornou necessária, ocorre devido ao processo de pensamento, que se forma a partir de um imaginar. O pensamento é dotado de características que permitem ao aparelho psíquico suportar a elevada

tensão dos estímulos durante a suspensão da descarga. Com isso, é provável que o pensar seja originalmente inconsciente, na medida em que se ressalta acima de qualquer imaginar e se volta para as relações entre as impressões de objetos; aliás, é somente por via de ligações a resíduos verbais que se adquire novas qualidades, perceptivas para a consciência. A tendência geral do aparelho psíquico está associada ao princípio de se manter de forma econômica, poupando energia, para se fixar, com apego, às fontes de prazer disponíveis, havendo, portanto, dificuldade de renunciar a elas. Ocorre, pois, a introdução do princípio da realidade, que se dissocia de um tipo de atividade de pensamento que permaneceu livre do teste de realidade: o princípio do prazer. É, então, a atividade da fantasia, contida na brincadeira das crianças e que depois é prosseguida como devaneio, que deixa de lado a sustentação em objetos reais (Freud, 1911/2010).

Com a substituição do princípio do prazer pelo princípio de realidade, e com suas consequências psíquicas, percebemos que a realidade não se efetua de uma vez só e simultaneamente, pois, nesse processo, se desenvolvem as pulsões do *Eu*. As pulsões sexuais se comportam, a princípio, autoeroticamente, encontrando satisfação por meio do próprio corpo, o que não gera insatisfação com o estabelecimento do princípio da realidade. Mais tarde, quando inicia o processo de busca do objeto, o sujeito passa a experimentar uma demorada interrupção no período de latência, que retarda o desenvolvimento sexual até a puberdade. Dessa maneira, cria-se, com essas condições, uma relação estreita: de um lado, entre a pulsão sexual e a fantasia, e, de outro, entre as pulsões do *Eu* e as atividades da consciência. Os indivíduos neuróticos vivem essa relação íntima, embora o autoerotismo possa aparentemente prosseguir por mais tempo por ser uma satisfação mais fácil com o objeto sexual, além de momentânea e fantástica, em lugar da satisfação real, que demanda esforço e adiamento (Freud, 1911/2010).

Freud (1911/2010) aponta que o recalque se encontra no âmbito da fantasia, conseguindo inibir ideias antes que elas sejam notadas pela consciência, quando seu investimento pode ocasionar desprazer, sendo, então, o ponto fraco da organização psíquica, que pode ser utilizado para fazer voltar ao domínio do princípio do prazer, em que os processos de pensamentos já haviam se tornado racionais. Esse é o momento em que o sintoma e o adoecimento do neurótico ocorrem, quando se realiza a escolha pela neurose, a qual depende da fase do desenvolvimento do *Eu* e da libido, em que ocorre a inibição do desenvolvimento que predispõe à enfermidade.

Freud (1911/2010) acrescenta que as mais surpreendentes características dos processos inconscientes (reprimidos), com as quais o investigado se habitua com grande superação de si, consistem no fato de que neles a prova da realidade não conta; a realidade do pensamento é equiparada à realidade externa e o desejo, à sua realização, ao acontecimento tal como se sucede na natureza, sob o domínio do velho princípio do prazer. Isso dificulta distinguir fantasias inconscientes de lembranças que se tornam inconscientes. Freud frisa a importância de pensar o papel da fantasia nos sintomas, compelindo os psicanalistas a usarem a moeda vigente do país que investigamos (no caso da neurose), e isso fundamentalmente passa pela fantasia e pelo sintoma.

Acrescentamos mais dois textos que vão além do ciclo da fantasia proposto por Jorge (2010): *A perda da realidade na neurose e na psicose* (1924/2011) e também o texto *A negação* (1925/2011). Esses dois trabalhos de Freud realizam um marco sobre o exercício do *Eu*, em manter o sujeito em uma realidade mais apaziguadora possível. No primeiro texto, *A perda da realidade na neurose e na psicose*, encontramos uma importante lição, a de que a perda da realidade faz parte de qualquer estrutura e o desejo na neurose oferece consistência à fantasia que buscará transformar a realidade material. Na neurose, o *Eu*, em sua dependência da realidade, reprime uma parte do *Id* (da vida pulsional), procurando evitar a perda de

realidade. A neurose, em suma, perturba, de algum modo, a relação do doente com a realidade, sendo uma via para ele se retirar desta. Em suas formas graves, significa diretamente uma fuga da vida real. Para Freud, a neurose consiste antes dos processos que trazem compensação para a parte prejudicada do *Id*, em relação ao recalque e ao seu malogro.

Na neurose, o sujeito se contenta em evitar a porção de realidade em questão e proteger-se do encontro com ela. Porém, o ponto de distinção na neurose com a psicose é que na neurose a sua tentativa é de substituição da realidade indesejada conforme os próprios desejos. Essa possibilidade acontece pelo viés da fantasia. Desse mundo da fantasia, a neurose retira o material para suas novas construções de desejo, achando-o geralmente pelo caminho da regressão a um passado real mais satisfatório. No caso das psicoses existe uma imposição do seu modelo para construir a nova realidade externa, enquanto a neurose apoia-se de bom grado numa porção de realidade (Freud, 1924/2011). Portanto, para a neurose, assim como para a psicose, há de se considerar não apenas a questão da perda da realidade, mas também uma substituição da realidade; porém, na psicose, acontecem episódios de total falta de apoio pela realidade.

No segundo texto, *A negação* (1925/2011), Freud observa conteúdos que o sujeito recalca para estar em sintonia com a realidade, mas na prática clínica tais conteúdos reprimidos de uma ideia ou imagem que estivera no inconsciente pode abrir caminho à consciência, sob a condição de ser negado – por exemplo: “Minha mãe não é”. Para Freud, a negação é uma forma do *Eu* tomar conhecimento do que foi recalcado. Nesse sentido, ele aponta como a realidade psíquica ganha presença no ambiente da realidade material: através do símbolo da negação, o pensamento se livra das limitações do recalque e se enriquece de conteúdos de que não pode prescindir para seu funcionamento.

Sendo assim, encontramos nesses dois textos conteúdos importantes que demonstram que, de fato, Freud sustentou, até meados de 1925, que a fantasia (ou realidade psíquica, como

ele designava) consistia em uma realidade de suma importância que interferia drasticamente na realidade material do indivíduo, o qual, por meio dela, buscava se adaptar com maior harmonia à realidade externa.

1.3. O paradigma da fantasia

Podemos pensar que um texto divisor de águas teórico sobre o conceito de fantasia é o *Bate-se numa criança* (1919/2010), de Freud, que, segundo Oliveira (2013), é um paradigma, pois circunscreve o tema da fantasia fundamental. Freud (1919/2010) discorre sobre a frequente fantasia do “bate-se numa criança”, marcando a descaracterização da importância da veracidade da cena, ao apontar que muitas dessas fantasias apresentadas pelos seus pacientes nunca tiveram sido vividas no aspecto de realidade comum.

Freud (1919/2010), então, propõe três fases para pensar a lógica da fantasia. A primeira delas seria: “meu pai bate numa criança que é a criança que eu odeio”. Nessa fase, a fantasia satisfaz o ciúme da criança, ligado aos seus interesses egoístas. Na segunda fase, o emblema é “sou espancado pelo meu pai”, destacando o caráter masoquista dessa fantasia, existindo uma introdução da consciência de culpa que não acha castigo mais severo do que a inversão desse triunfo. Por fim, no terceiro momento, o que está em jogo é o que Freud chamou desconfiguração definitiva da fantasia – “estou na cena como espectador” –, podendo haver nessa fase uma transposição do pai para algum outro indivíduo que marque um lugar “superior”, como, por exemplo, um professor, assim como pode ser qualquer criança. Por fim, a fantasia de surra se precipitaria do complexo de Édipo, correspondendo às cicatrizes decorrentes desse processo. Podemos referi-la ao famigerado “senso de inferioridade”, que remete à cicatriz narcísica (Freud, 1919/2010).

O *Bate-se numa criança* aparece como paradigma da fantasia, pois, além de ter marcado a lógica fundamental contida dessa noção, possibilitou o ensaio de Freud sobre o gozo e a pulsão de morte que, segundo Miller (2011), deu subsídios para o *Além do princípio do prazer*. Freud (1920/2010) já associava o prazer e a repetição a uma primeira impressão pulsional. O que começa a se apresentar é que algo de caráter pulsional aparece em oposição ao princípio do prazer presente no jogo infantil, evidenciando que a criança também repete a vivência desprazerosa dessa primeira impressão. *Além do princípio do prazer* não caminha em oposição ao princípio de prazer, mas age independentemente dele e sem considerações por ele, em parte. De acordo com Miller (2011), a leitura lacaniana aponta para a repetição e a função do gozo com que Freud se deparou, o que coloca em questão a decifração do inconsciente e sua potência. No ápice de seu ensino, Lacan centra a operação analítica na fantasia, cujo suporte, conforme Freud mostra em *Bate-se numa criança*, era, sobretudo, uma frase, uma cadeia significativa, sendo a fantasia concebida pela adição de um efeito de sentido e de um produto de gozo. Digamos que a fantasia é a solução encontrada por Lacan para a questão da reintrodução do Real na estrutura da linguagem, sem fazer explodir todas as coordenadas. Portanto, como ele próprio se deu conta, o objeto a^5 é um gozo domesticado pelo significante, uma vez que o gozo é seu produto. Disso decorre a ideia de que a psicanálise consiste em obter uma fratura da fantasia, isto é, uma separação entre o efeito de sentido e o produto do gozo (Miller, 2011).

Constatamos, a partir de Lacan (1957/1995), que essa fantasia fundamental se apresenta como um testemunho ainda muito visível dos elementos, dos significados da palavra articulada no nível desse transobjeto, que é o Grande Outro – o lugar onde se articula a palavra inconsciente. Transobjeto porque está para além do objeto marcado pelo

⁵ O objeto a é amplamente discutido no seminário 10 *A angústia*. Para Lacan (1962-1963/2005), o objeto a funciona como resto da dialética do sujeito com o Outro, ou seja, existe uma domesticação significativa desse objeto, que está definido no campo do desejo, mas algo não é domesticado pelo significante. Com isso, o autor aprofunda como o Real é algo de inassimilável no campo do gozo que se deu na relação do sujeito com o Outro.

significante; está no campo Real do gozo inominável derivado da introdução da marca do Outro. A hipótese lacaniana é a de que *Bate-se numa criança* é precisamente uma proposição que constitui toda fantasia, a qual também provoca o que podemos designar com o termo verdadeiro ou falso (Lacan, 1969-1970/1992).

1.4. A fantasia e a perspectiva da verdade em Freud

Encontramos em nossa pesquisa alguns trabalhos que abordam a concepção de verdade e psicanálise. Mas como podemos averiguar essa relação com o conceito de fantasia? Para nos auxiliar nesse percurso, selecionamos alguns autores que se debruçaram na perspectiva de como a verdade é cara na teoria psicanalítica. Iannini (2009) nos lembra que, embora Freud reconhecesse a realidade contraditória de seu objeto, manteve em todo seu percurso a pretensão de colocar a psicanálise no campo da *Naturwissenschaften*.⁶ O autor não menciona o conceito de fantasia, mas nos aponta o valor ficcional (fantasístico) da verdade em Freud. Em suas palavras:

No limiar do século XX, ainda em 1895, Freud parece, pois, esboçar o fundamento longínquo da ideia de estruturação ficcional da verdade e do caráter metafórico do saber, desdobrado por Lacan. Ao descrever as experiências fundamentais da constituição do sujeito, Freud afirma o caráter contingente e material da gênese do desejo. As experiências fundamentais de constituição subjetiva – prazer e dor – dependem de circunstâncias as mais diversas, que definem, para cada sujeito, os objetos privilegiados que estruturam o circuito dos trilhos que orientam os modos de satisfação libidinal possíveis para o sujeito. (Iannini, 2009, p. 22)

Assim, o autor destaca, com base na leitura de Badiou, que Freud toma a verdade não como critério, mas como operação, isto é, podemos compreender a função dessa verdade ficcional para cada sujeito. Freud recupera a dignidade ontológica da contingência e sua correlação com a verdade.

⁶ Ciências naturais.

Para Abel (2011), a verdade é entendida como aquilo que Freud busca alcançar no tratamento psicanalítico e que tem assentimento e integração por parte do analisante. Seriam essas as condições necessárias para a modificação do funcionamento psíquico. O autor menciona a seguinte fala de Freud: “[...] e, finalmente, não devemos esquecer que o relacionamento analítico se baseia no amor à verdade –isto é, no reconhecimento de uma realidade – e que isso exclui qualquer tipo de impostura ou engano” (Abel, 2011, p. 48). Tal citação de Freud revela a importância fundamental e uma definição correspondente a uma realidade.

De acordo com Abel (2011), podemos pensar fantasia e verdade em três momentos. Primeiro, na teoria da sedução, em que o primeiro olhar de Freud para a fantasia aparece como anteparo à verdade. A fantasia surge como um empecilho para o sujeito ter acesso à verdade; seria um mecanismo de defesa que ocuparia um duplo papel: primeiro, como impedimento fictício ao acesso a verdade insuportável, contra a qual a defesa foi construída; e, segundo, como a verdade imaginária rechaçada, cujo retorno compõe o sintoma.

Abel (2011) nos apresenta mais um ponto de vista para pensar a fantasia e a realidade material como uma verificação da verdade. Seria a distinção da verdade material e da verdade histórica. O conceito de verdade histórica aparece somente em dois textos freudianos a partir de 1935: *Construções em análise* (1937) e *Moisés e o Monoteísmo* (1939). Freud aponta que o objetivo é desfazer as distorções lendárias para conseguir chegar à verdade histórica, composta pela experiência e motivos do passado que continuariam presentes, buscando o plano individual.

Segundo Abel (2011), Freud concebe como verdade histórica o conjunto formado pela experiência e pelas pulsões despertadas originalmente que se combinam com sua concepção de equação etiológica, constituída como série complementar pela disposição constitucional

hereditária e pela disposição de se adequar à experiência. Como podemos verificar na leitura do autor:

Assim, penso que, na diferenciação feita por Freud entre verdade histórica e verdade material, esta última se restringe às experiências de eventos na realidade material, excluindo os impulsos afetivos originais (fantasias de desejo) e as defesas quanto a esses impulsos (fantasias de defesa, lembranças encobridoras, amnésias etc.). Já a verdade histórica é composta pelas experiências na realidade material e as fantasias de desejo. Teríamos três fatores: 1) os eventos da realidade material, ou seja, a verdade material; 2) as representações (fantasias) das pulsões, que, junto aos eventos da realidade material, formam a verdade histórica; e 3) as defesas, que distorcem a verdade histórica. (Abel, 2011, p. 56)

Portanto, a verdade material coincide com a realidade material, mas a verdade histórica não se restringe à realidade psíquica, isto é, a verdade histórica engloba a realidade material e a realidade psíquica (fantasia). A realidade psíquica é composta pela fantasia pulsional, como também pela formação psíquica distorcida. Sendo assim, para chegar à verdade histórica, há de se desfazer da formação adulterada *a posteriori* para, então, alcançar a fantasia original e o evento real. Conseqüentemente, a partir dessas conclusões para o campo da clínica psicanalítica, confirma-se que a verdade histórica vem se estabelecer no pensamento de Freud como um evento da realidade material, somado às fantasias de desejo, subtraindo-se as defesas. Já a verdade material é a verdade histórica desnudada da fantasia de desejos e das defesas (Abel, 2011).

Não entraremos no mérito da distinção entre realidade material e realidade histórica. Recortamos essa elucidação do autor para marcar o quanto Freud acreditava na verdade como uma dimensão científica ainda para desvendar o inconsciente. Desse modo, a fantasia só poderia ser pensada, mesmo que no campo do inconsciente, como um centro que guarda uma verdade possível de ser decifrada ou explicável pelo sentido. Lacan nos convida a pensar que só articulamos a realidade consciente e inconsciente a partir de algo que nos faz estar fora dela. Essa operação lógica modifica absolutamente a maneira de pensar a psicanálise, pois

aponta que o sujeito, o pensamento e a própria fantasia nada têm de consistência, e sim são inerentes ao que está para além da realidade. “A si mesmo seja verdadeiro” é uma frase retirada da peça de *Hamlet*,⁷ de Shakespeare, e dela partimos nessa provocação. Essa frase é a denúncia neurótica da perspectiva da consistência do sujeito com sua verdade. E o que Lacan revira, ao mostrar que o sujeito, só pelo ato de perguntar a *verdade*, já denuncia a *consequência* do Real em sua própria constituição de partida.

O que podemos apreender desse percurso de Freud é que a fantasia, em sua constituição, é inconsciente. No ciclo da fantasia, destacamos três transmissões. Inicialmente, percebemos que Freud busca destacar o poder da fantasia na realidade material, como um anteparo à realidade que provoca algum mal-estar, assim como uma possibilidade de o sujeito se introduzir pela via da fantasia utilizando os objetos reais da realidade material. Posteriormente, a fantasia aparece articulada ao conteúdo sexual, o qual se destaca na teoria da sedução, do trauma sexual. E como a fantasia recobre, ou até mesmo é investida pelo sujeito, ela pode afetivamente liberar o sintoma. Com o avanço teórico, Freud percebe que não necessariamente existe a cena traumática de modo objetivo, e o trauma passa a ser considerado, numa leitura lacaniana, o encontro com o impossível de simbolizar. Devido ao recalque, aquilo que deveria ser escondido, rechaçado, é abordado pela fantasia. Por fim, o ciclo da fantasia promove uma leitura metapsicológica da fantasia, que marca o modelo de transmissão pelo qual Freud buscava, de maneira detalhada, explicar os processos psíquicos.

A fantasia não aparece tendo somente uma atividade psíquica. Ela é manejada inconscientemente para tentar manter em homeostase o aparelho psíquico. Esse modelo de transmissão em Freud diz muito do impasse teórico sobre a realidade material e a realidade psíquica, ao mesmo tempo que se apresenta uma tentativa muito consistente de abordar a

⁷ *Hamlet* é uma obra muito trabalhada na psicanálise. No que diz respeito à peça, só na obra de Freud, ela foi citada em 23 de seus textos, incluindo a primeira citação em carta a Fliess de 15 de outubro de 1897 (Coelho, 2007). Encontramos diversas traduções para a fala “a si mesmo seja verdadeiro”, que nada alteram seu sentido gramatical.

fantasia. Observamos em diversos outros textos o receio de afirmar se era ou não verdade aquilo com que se deparava, ficando claro um impasse teórico deixado por Freud, sendo importante destacar que essa discussão estabelecida até então se situa, teoricamente, entre princípio do prazer e princípio da realidade.

Propusemos passar por Freud e seu texto *Bate-se numa criança* (1919/2010), considerado como um paradigma da fantasia, por tratar de uma espécie de fantasia fundamental. Devido às diversas repetições, Freud constatou um mecanismo lógico retratado por seus pacientes. Mais profundamente, a percepção dessa repetição passa a ser compreendida e associada à sensação de prazer que vai para além da realidade. A presença do caráter masoquista da fantasia, Freud o percebe nesse impulso à repetição. Esses elementos teriam sido ofertados a Lacan para que ele realizasse a introdução do Real, que será desenvolvido no tópico seguinte.

O Real pode ser abordado do ponto de vista lógico e topológico. Para tal, faremos um percurso pela lógica da fantasia.

1.5. A lógica da fantasia em Lacan

Abordar a fantasia corresponde a um trajeto intrínseco à constituição do sujeito e à consistência do pensamento para a psicanálise. Lacan revela o seu desejo de ressaltar o primado lógico da teoria de Freud, que a leitura lacaniana apresenta como “Ou não penso ou não sou” (Lacan, 1966-1967/2008). Tal formulação exige empenho de estudo pela riqueza de fundamentações lógicas que foram inseridas para a realização do conceito de fantasia. Formulação que parte da leitura do pensamento cartesiano “Cogito, ergo sum”.⁸ Para prosseguirmos, é importante que estejamos familiarizados com a leitura realizada por Lacan

⁸ Traduzido para o português como “Penso, logo existo”.

sobre o raciocínio de Descartes. O cogito cartesiano marca a constituição da ciência moderna, expressa pelo domínio da racionalidade. Tal pensamento indica uma extremidade desse enunciado, pois, quando refletimos que o pensar logo já afirma a existência do sujeito, isso indica um pensamento que despoja tal sujeito de toda qualidade, fazendo-o emergir como efeito do enunciado. Lacan, em sua teoria, buscou então suspender a passagem do primeiro tempo ao segundo (Milner, 1996). Isto é, de que se eu penso (T1) (logo) eu existo (T2) numa linearidade do pensamento, sendo assim, entre eu penso e sou existe uma hiância considerável.

Não se deve excluir a importância do pensamento de Descartes, pois é nele que podemos convocar a marca da individualidade empírica ao revelar que existe um sujeito. A grande distinção teórica entre o sujeito da ciência e o da psicanálise está ligada à afirmação de que o sujeito é exatamente o que pensa em sua consistência. Como observamos desde Freud, o pivô de seu programa reside nos sonhos, e, se nos sonhos existem pensamentos que nada condizem com a racionalidade, assim como nos tropeços da vida que revelam chistes, atos falhos etc., então o pensamento não é o que dizia a tradição filosófica, ou seja, o pensamento não é o corolário da consciência de si (Milner, 1996).

Para Lacan, o sujeito inconsciente e o pensamento se constituem de maneira claudicante: não seriam correspondentes e tão pouco consistentes. Assim, ele coloca a questão de como se funda o sujeito da psicanálise em termos lógicos. Para aprofundar essa reflexão, Lacan propõe “Ou não penso ou não sou” (Lacan, 1966-1967/2001). O “ou” já havia sido utilizado em 1964, na lição de número XVI do seminário 11, na sua teorização sobre o processo de alienação subjetiva. A preposição *ou* é articulada como *vel*, que seria a primeira operação essencial em que se funda o sujeito. Tal operação propõe três formas de uso: na primeira delas, o *vel* aparece como “eu vou ou para lá ou para cá”, ou seja, tem de se escolher. Uma segunda leitura a se empregar do *vel* seria como tanto faz o lado eleito, pois se obteria o

mesmo resultado. E o terceiro modo, que é chamado de *vel* da alienação, caberia no sentido dessa lógica simbólica, que Lacan chama de reunião (Lacan 1964/1985).

Compreendemos que seria essa uma reunião referente a uma escolha impossível entre “eu não penso” e o “eu não sou”. Isto é, compreendemos que o emprego do “ou” aponta para uma junção pela qual é impossível escolher passar ou não pela alienação: todos estão imersos nessa reunião de elementos. Lacan menciona a terceira perspectiva do (*vel/ou*) para marcar que o pensamento cartesiano é um pensamento que engloba a alienação, isto é, o sujeito não se furta desse encontro alienante em seu nascimento como sujeito pensante. Nesse andar teórico, para apontar mais a lógica da fantasia, Lacan (1966-1967/2008) revela a inconsistência do sujeito juntamente ao pensamento, denunciando que existe algo anterior para produzir pensamento e sujeito, o qual podemos, antecipadamente, nomear como o contato com o Real. Para isso, Lacan (1966-1967/2008) articula-se ao modelo morgiano,⁹ presente na lição VII, de 11 de janeiro de 1967.

Tal modelo ressalta que, no encontro de dois conjuntos, haverá uma fenda que encobre alguma parte desses conjuntos. O que foi encoberto desse encontro é uma perda para cada conjunto, isto é, o que se perdeu reside nesta fenda: utilizando-se da lógica haveria uma perda do Eu penso e uma perda do Eu sou, sendo necessária a função do terceiro – no caso, o Outro, o sujeito suposto saber – para dizer ao sujeito o que ele é, o que é essencial ao cogito. É com o terceiro que o Eu argumenta, fazendo-o renunciar às vias do saber, levando-o a confessar que é necessário que eu (*je*) seja eu (*moi*). O “eu penso” não seria de fato mais do que a operação de esvaziamento do conjunto do “eu sou”. Dessa maneira, o sujeito se encontra também na posição determinada pelo ato mesmo em questão. Apontando a submissão do englobamento alienante que insere através da linguagem o que o sujeito é e o que ele pensa, esse encontro

⁹ Morgan foi um matemático e lógico do século XIX. Ele trabalha os conceitos de união e interseção, que são utilizados por Lacan como uma escolha dissimétrica, que proporciona pensar o sujeito não consistente, que corresponde ao que pensa, existindo sempre algo que encobre o Eu penso e o Eu sou.

revela uma disjunção lógica, pois, ao se reunirem, também perderão. Nesse lugar vazio, sem nomeação, estará essa condição de perda que permite de fato a introdução do Outro, que emerge numa dimensão que podemos compreender que vem do Real. É isso que provocará uma questão, *a posteriori*, ao tomar a posição de (*moi*) ou de (*je*), que Lacan (1966-1967/2008) compara com o que Freud chamou de Isso e inconsciente.

Então, o *isso* é, propriamente falando, o que do discurso, como estrutura lógica, é exatamente tudo o que não sou eu (*je*) (Lacan, 1966-1967/2008). Para esclarecer, quando retornarmos à lição de número VII, de 11 de janeiro de 1967, vamos encontrar a separação do *isso* e do inconsciente e do (*je*) e do (*moi*).¹⁰ A parte do *eu não penso* está ligada ao *isso*, que é articulado à posição de (*moi*), isto é, de objeto: aquilo que não se enuncia por si mesmo. Do outro, diz respeito ao que não está no discurso, isto é, o inconsciente, que está expressamente no que corresponde ao “eu não sou”, fazendo emergir o sujeito (*je*). Por fim, é necessário, como efeito, que se feche o ciclo pelo qual o impasse do sujeito se acostuma ao revelar a verdade. Destacamos tal leitura na tentativa de capturar que o pensamento, para Lacan, é um franqueado, na perspectiva de um sujeito barrado que teve a introdução do Outro Real na sua vida, apontando exatamente a frágil consistência de se assegurar na realidade sem a incidência significativa desse Outro. Essa noção lógica contribui para pensar a primeira dimensão da fórmula da fantasia, que seria o sujeito barrado \$.

O que é interessante, na retomada desses modelos lógicos, é localizar como Lacan, ao subverter essa lógica cartesiana, ensaia para denunciar que existe uma dimensão impossível de ser mencionada, que é a própria barreira do pensamento: é não ter como dizer o que lhe antecede, o que provoca um nível de insuficiência material na sua própria constituição. A fantasia se reproduz nos mesmos moldes dessa perspectiva da constituição do pensamento, o

¹⁰ A diferença entre (*je*) e (*moi*) não corresponde ao uso, no português, de “eu” e “mim”. O *moi* corresponde à autodesignação em posição de objeto, baseado no esquema L (Dor, 2008).

que é valioso para se pensar, em termos lógicos, que a fantasia, para cada sujeito, tem a marca da sua relação exclusiva com o Real.

Pensaremos, a partir de agora, no sujeito barrado, aquele que emerge dessa fenda, respondendo como (*je*), existindo a partir da evidência de uma pergunta, que é perguntar sobre a verdade de não ser. A verdade da alienação para a psicanálise só se mostra na parte perdida, que não é outra na articulação proposta pelo “eu não sou” do sujeito, tendo sua substância o que é invocável pelo “eu não penso”, como aquele que imagina ser senhor de seu ser, ou seja, não ser linguagem. Escolher por esta parte perdida, designada pelo “eu não sou”, constitui-se a falta-a-ser (Lacan, 1966-1967/2001).

Lacan (1966/1967/2008), na lição de VI, de 21 de dezembro de 1967, considera que a falta-a-ser estaria dentro do esquema. A relação entre “eu não sou e eu não penso” marca o que se refere à defesa, que é propriamente o que circunda o que preserva o “eu não sou”, diante da impossibilidade de ser objeto para esse Outro. É pela falta de saber o que se é para o Outro que tudo é deslocado para a perspectiva de cada fantasma, e essa pode ser a realidade do inconsciente. Essa coisa que nos falta constitui o escabroso daquilo com o qual somos confrontados, isto é, o traumático do sexo introduzido pelo Real.

No que tange ao axioma da fantasia, verificamos a sua presença em seminários anteriores de Lacan, mas no seminário 14 ele ganha bastante ênfase no aspecto lógico. Lacan primeiro aborda como punção, que designa um signo forjado expressamente para nele reunir o que pode dele se isolar. Separa-se em um traço vertical e outro, horizontal. Separado por um traço horizontal, ele representa uma dupla relação que pode ser, a princípio, lida como maior ($>$) ou menor ($<$). O $\$$ seria incluído ou excluído do grande A na perspectiva do “Eu não sou”, que, como consequência, geraria um efeito mental de perda (Lacan, 1966-1967/2008).

Com esse efeito de perda é que podemos relacionar o sujeito com o objeto *a*, que comporta imaginariamente e simbolicamente a causa de seu desejo. Sendo assim, podemos ler

esses predicados, junção (\wedge) e disjunção (\vee), verticalmente, o que Lacan (1966-1967/2008) estabelece como a tentativa do sujeito de se relacionar com aquele objeto perdido. Nesse seguimento, podemos entender que, embora uma parte faça junção, outra é disjunta e perdida em relação ao objeto. Desse modo, a fantasia seria a tentativa predicativa de lidar com o resultado da operação da constituição do sujeito.

Nessa perspectiva, o objeto *a* se define, em primeiro lugar, como suporte que o sujeito encontra quando fraqueja, isto é, quando fraqueja em sua certeza de sujeito (Lacan, 1966-1967/ 2008). A causa de desejo é esboçada a partir da mediação fálica, já trabalhada anteriormente também por Lacan. Em especial, destacamos o seminário 5 *As formações do inconsciente* (1957/1958), em que Lacan relaciona essa lógica do objeto *a* ao sujeito como um significante de falta, mas também faz uma indicação de que este objeto já seria anterior a essa configuração de causa de desejo. Por exemplo, o aspecto desse objeto com a necessidade, ou seja, esse objeto anteriormente já foi algo destacável como um objeto pulsional. Essa passagem nos é cara no sentido de que o objeto *a* tem sua parcela de gozo que não é cifrado, e isso é importante para pensar a constituição da fantasia como também portadora dessa marca pulsional. Como veremos no seminário 10 *A angústia*, Lacan (1962-1963/2005) propõe a leitura do pequeno *a* em cinco modelos: seio, ânus, falo, voz, olhar. O objeto pulsional que ganha ênfase para pensar a fantasia seria o objeto olhar.

Segundo Lacan (1962-1963/2005), o desejo que está ligado a imagem é uma função de um corte que sobrevém no campo do olho. Como elucida Viola e Vorcaro (2011), Lacan nos lembra que é a partir do campo visual que se faz a primeira abordagem da presença fálica, e isso se dá de um modo traumático, a cena primária. Sendo assim, toda essa elaboração sobre a angústia de castração se mostra atrelada à dimensão imaginária. No que tange à função de um corte, é através desse corte que se produz o objeto visual. A operação se dá a partir de que o olho é um espelho, o campo do Outro que espera que apareça pela primeira vez, se não o *a*,

pelo menos seu lugar, em suma, a mola radical que faz passar do nível da castração para a miragem do objeto do desejo (Viola & Vorcaro, 2011, p. 85).

\$ ◇ *a*

Retomaremos, agora, a perspectiva do ser e do pensamento para trazer mais desdobramentos do que seria a lógica da fantasia e sua função como uma invenção para o Real. Lacan (1966-1967/2001) faz referência ao grupo de Klein.¹¹ As referências utilizadas por ele nesse momento teórico permitem-nos inferir que se trata de buscas por lógicas que comportem a inconsistência, ou seja, que ensinem sobre a dimensão do zero que se aproximariam do conceito de Real. No seminário *A lógica da do fantasma*,¹² a evocação do grupo de Klein aparece nesse sentido de apontar uma nomeação de operações involutivas cujo resultado sempre é zero. Com isso, Lacan articulou alienação, verdade e transferência nessa mesma perspectiva.

Para destacar esse ponto zero, Lacan (1966-1967/2001) ressalta o *nihil* (nada)¹³ do impasse assim reproduzido do sujeito suposto saber. Isto é, ele emerge do nada, de um vazio: “[...] para encontrarmos seu *hilo* [fenda],¹⁴ percebemos que só é possível reproduzi-lo por ela já ser repetição ao se reproduzir” (Lacan, 1966-1967/2001, p. 325). Como foi dito anteriormente, essa fenda, da qual emerge o Outro, revela a sua própria limitação como existência. Segundo Ferreira (2000), retoma o zero, dizendo se tratar de uma tentativa de já circunscrever a dinâmica do Real na constituição do sujeito, indicando que o que aconteceu no lugar de saber da espécie humana abriu uma fenda fazendo com que o Real se inscrevesse

¹¹ O grupo de Klein recebeu esse nome por causa de Felix Klein, que apresentou o conceito de grupo isomorfo. Lacan faz referência à lógica do grupo de Klein em diversos seminários. Em específico, na lógica da fantasia, ele desenvolve o conceito de operações involutivas.

¹² No português, tanto o significante *fantasma* quanto o significante *fantasia* podem ser utilizados para a tradução do francês *fantasme* (Carreira *apud* Gerbase, 2009). Utilizaremos as duas expressões, pois entendemos que essa diversidade não prejudica a compreensão do conceito dentro do texto.

¹³ Tradução nossa.

¹⁴ Tradução nossa.

na estrutura do homem. Em algumas leituras da psicanálise, trata-se da hipótese do chamado recalque orgânico, referindo-se este ao momento zero do recalçamento, o próprio elemento fundador da espécie humana.

Lacan (1966-1967/2001) apresenta, dentro da lógica da psicanálise, uma leitura que permite a dimensão do zero, revelada na sentença “Não há Outro do Outro”. Com isso, surgem as seguintes revelações: “A verdade sobre a Verdade” e “Não há transferência da transferência” (Lacan 1966-1967/2001, p. 325). Seguimos com os esclarecimentos: a primeira se enuncia “Não há Outro do Outro”, ou, dito de outro modo, não há metalinguagem, isto é, falta representação para o gozo, o que nos permite retornar à dimensão do objeto na fórmula da fantasia, agora já na perspectiva que comporta o Real.

Para desenvolvermos essa perspectiva, baseamo-nos na lição XVIII, de 19 de abril de 1967, em que Lacan (1966-1967/2008) marca a díese dessa lógica que perpassa o traço unário. A criança metaforiza o Um e o Outro na medida em que nasce como dejetivo da repetição inaugural, a qual – por ser repetição – exige essa relação do Um ao Outro, repetição de onde nasce o sujeito. O objeto *a*, nessa vertente, é componente dos fantasmas, muito suficientemente colocados em execução. Diante da referência ao sexo, é esse título de Um – esse sexo e seu enigma – que está incumbido de recobrir. O traço unário marca o lugar do Outro no campo do gozo.

O segundo elemento é a “verdade”, que podemos articular com a fala de Lacan (1966-1967/2008): “O inconsciente diz a verdade sobre o sexo”. A verdade fala uma vez que ela é a verdade, e não necessita dizer a verdade. Nessa leitura, Lacan aponta como a verdade já se manifesta anteriormente a qualquer manifestação da linguagem. Um adendo relevante, que também é trabalhado por Lacan via cogito, diz respeito ao conteúdo da verdade do pensamento. Na lição de número V, de 14 de dezembro de 1966, ao realizar a quebra do pensamento da segunda proposição – “eu sou” –, ele revela a ligação falseada do pensamento.

Dito de outra maneira, apenas importa saber se *eu sou* é verdadeiro; não há inconveniente caso esse *eu penso* seja falso. Sendo assim, para Lacan, o *cogito* cartesiano como tal, em sua ordem própria, interessa à constituição do sujeito. O que complica é o que diz respeito à escrita do sujeito, na medida em que, ao regram o funcionamento da operação lógica, esta é ultrapassada precisamente nisto: no que essa particular escrita representa, sendo, sem dúvida, um mecanismo mais primordial, na medida em que é daí que depende o verdadeiro estatuto do sujeito e não da sua intuição de ser aquele que pensa (Lacan, 1966-1967/2008).

Nessa escrita particular e frágil, para contar algo do efeito da verdade, se encontrará o que é o sintoma, o que muda a perspectiva de pensar a realidade. Na leitura lacaniana, a verdade já diz; o que o sujeito faria seria uma invenção particular de verdade. Ainda nessa leitura sobre a verdade, Lacan (1966-1967/2001) discute o que seria *passagem ao ato* e *actingout* para mostrar que o *actingout* é uma *mostração da verdade*. Só há ato sexual implicado, do qual o pensamento tem razão de se defender, já que o sujeito fende, isto é, se divide, derivando disso a estrutura da fantasia. No que tange à afirmação “não há transferência da transferência” (Lacan, 1966-1967/2001, p. 325), Lacan parte de Freud, apontando o fato de a repetição aparecer na transferência. Nessa elucidação esboçada no seminário, compreendemos a relação entre o gozo e o traço unário, pois tende-se a buscar a repetição da primeira experiência no campo do Real.

Essas operações, para a psicanálise lacaniana, não disfarçam que cada uma delas é o zero produzido por aquilo que inseriu no Real o que elas tratam. Em *O desejo e sua interpretação*, Lacan (1958-1959/2016) também satisfaz a lógica da psicanálise, pois ela supõe a entrada para o sujeito no Real pela fantasia. Nesse sentido, seguimos com o pressuposto de que, de fato, a fantasia é um manejo, um anteparo do sujeito diante do traumático do sexo, um retorno a esse impacto Real; a fantasia é o que se constitui ante a presença primitiva do desejo do Outro como obscuro e opaco.

Em outros termos, Lacan (1958-1959/2016) aponta que não se deve dizer que a alma pensa – como Aristóteles, para quem o homem pensa com sua alma –, deve-se dizer que o sujeito se defende com seu *eu*. O sujeito se defende de seu desamparo diante do Real e, com esse recurso que a experiência imaginária da relação com o outro lhe dá, constrói algo que, diferentemente da experiência especular, é flexível com o outro. Para Lacan, como resultado, o que o sujeito reflete não são simplesmente jogos de preeminência, não é simplesmente seu aparecimento para o outro no prestígio e no artifício; é ele mesmo como sujeito falante, sendo designado como um lugar de saída, como um lugar de referência, por onde o desejo vai aprender a se situar sua fantasia. Sendo assim, mais à frente Lacan (1958-1959/2016) ressalta que quando tratamos de fantasia, dizemos que ela é sempre articulável nesse termo de referência, como relação do sujeito como ser falante com o outro imaginário. É isso que define a fantasia: a sua função é dar ao desejo do sujeito seu nível de acomodação de situação. Por essa razão, o desejo humano tem a propriedade de estar fixado, adaptado, combinado não a um objeto, mas sempre essencialmente, a uma fantasia.

Segundo Lacan (1966-1967/2001), esses elementos satisfazem a lógica a que se propôs em tal seminário 14, pois possibilitam mostrar a entrada para o sujeito no Real por meio da fantasia, e, além disso, trata-se de uma marca única e singular de responder ao Real. Desde Freud (1919/2010), em seu texto *Bate-se numa criança*, percebemos que tal elemento não ficou às traças. A fantasia encontra-se em estruturas neuróticas muito distintas, desempenhando uma função de axioma, ou seja, distingue-se das leis de deduções variáveis, que especificam em cada estrutura a redução de sintoma, por figurar nele de um modo constante. Assim, devolvida à gama lógica, a fantasia só faz perceber melhor o lugar que ele ocupa para o sujeito: é o mesmo que a gama lógica designa, e é o lugar do Real.

1.6. Realidade vs. Real: os elementos lógicos $\$$ e a

Como observamos, a fantasia, em Lacan, possibilita outro recorte diante da dimensão do Real (presente no Outro), e não mais da realidade estipulada, seja esta material ou inconsciente. Em uma diminuta leitura topológica, Lacan desenvolve o ensino do nó, dizendo que “[...] um círculo de barbante é o Real, um círculo de barbante é o Simbólico e um círculo de barbante é o Imaginário” (Lacan, 1973-1974/2018, p. 19). Em seu estudo, não desenvolve especificamente a fantasia para estabelecer o nó borromeano, porém, o nomeia como nó mental, ressaltando que seria essa a proposta de Freud com a realidade psíquica.

Situemos os registros R.S.I. O registro simbólico é o de ciframento, isto é, do signo. Compreendemos que é um registro muito caro à fantasia pela via da cifra. Lacan (1973-1974/2018) aborda o simbólico e a fantasia utilizando o estudo de Freud que exemplifica o sonho e a fantasia. Freud pontua que estes possuem ações de mensagens, porém, não têm nada a ver com a comunicação, mas sim com a relação do homem com a linguagem, que deve ser abordada mostrando que a estrutura do pensamento só pode ser tratada pela seguinte base: a de que o significante é um signo, que não é dirigido senão a um outro signo; isso determina um sujeito que surge de algo que não pode ter sua justificação senão em outra parte. Ou seja, a fantasia seguiria o modelo da estrutura do pensamento, marcando a própria barra que existe na cadeia significante, assim como no sujeito. Existe algo na fantasia que a faz barrada por sua própria estrutura. O registro imaginário é importante para pensar a fantasia, pois possibilita o sentido, ou seja, o que teria como instância inventar algo, organizar, compreender, sendo uma intuição do que há para simbolizar. Como Lacan (1973-1974/2018) enfatiza, é um mastigar, para pensar como se diz, oferecendo sentido aos significantes. Por fim, o registro Real aparece como o que é estritamente impensável. Seria esse o ponto de partida proposto por Lacan. Como já observamos, quando Lacan se coloca a trabalhar o seminário 14 *A lógica do fantasma*, ele ensaia como os elementos lógicos da fórmula da fantasia, o \$ e o pequeno *a*, são emergentes do Real. Sendo assim, a fantasia ganha nesse

momento a sua grande diferenciação teórica: ela tem sua parcela de Real, o que permite ao sujeito situar-se nele, assim como também fazer movimento nos outros dois registros que o tratam. Isso marca que é a sobreposição do Real na teoria que evoca os demais registros. Segundo Mendonça (2018), o que Lacan chama de realidade seria o Imaginário no Simbólico e o Simbólico no Imaginário. Supondo que o Real é capaz de fazer o enlaçamento dos outros dois registros, Miller também realiza a distinção teórica entre Freud e Lacan.

Mendonça (2018) cita Miller (2010), em *Perspectivas do seminário 23 de Lacan: o Sinthoma*, no qual o autor ressalta a diferença que diz respeito à energética freudiana, que supõe o simbólico no imaginário, e vice-versa. Trata-se do que faz a realidade. Em contrapartida, para Lacan, essa relação entre simbólico e imaginário é condicionada por um termo suplementar, o Real, sem o qual não se tem nem funcionamento nem realidade. Essa apresentação de Miller aponta que o sentido surge da realidade e ambos estariam fora do Real. O Real é sem sentido e condiciona a realidade, fazendo a junção de Imaginário e Simbólico. Consequência direta dessa argumentação milleriana é que Real e realidade são distintos, formando um par claramente dualista (Mendonça, 2018). Nesse viés, o respectivo autor acrescenta:

Real x realidade; sendo distinta da proposta freudiana de duas realidades: material X psíquica. Em Freud temos dois elementos que se apresentam como dois modos de um mesmo conceito: a realidade; em Lacan temos elementos que pertencem a categorias distintas: o Real é um dos registros de sua proposta triádica (Real, Simbólico e Imaginário), enquanto que[*sic*]a realidade seria algo produzido na junção dos outros dois registros, levando ainda a outra consequência – a produção de sentido. De toda forma, Real e realidade são distintos, sendo que o primeiro é condição para a segunda, não bastando a simples sobreposição dos registros, mas é necessário que um terceiro registro (Real) venha amarrar os outros dois que se sobrepõem (Imaginário e Simbólico). (Mendonça, 2018, p. 75)

Mendonça (2018) avança na explicação de que em Freud podemos supor a preexistência da realidade material em relação à realidade psíquica, enquanto em Lacan podemos supor uma preexistência do Real em relação à realidade. A preexistência, então, é

puramente lógica e não pode ser lida como cronológica: é necessário que algo possa ser ofertado anteriormente, para que possamos organizar a forma de teorizar; mas tudo ocorre no mesmo instante – a amarração dos registros e a constituição da realidade.

O \$ e o pensamento, como discutimos anteriormente, desenvolvidos na lógica da fantasia, emergem juntamente à instância do Real. Quando Lacan desenvolve o registro do nó borromeano, verificamos mais dois conceitos: a *consistência* e a *ex-sistência*. O nó diz da consistência, mas não a do pensamento governada pelo sujeito, pois a consistência do nó está relacionada ao fato de que três é o seu número na corda (Lacan 1973-1974/2018). Podemos pensar o franqueamento do pensamento como os buracos mencionados por Lacan (1974/1975) no seminário 22, *R.S.I.*: seriam eles o coração de cada uma dessas rodela, pois, sem eles, não seria viável pensar que alguma coisa se atasse. Nisso, desponta o termo *ex-siste*, que diz do intervalo entre duas consistências. Na lição de 18 de fevereiro de 1975, a *ex-sistência* constitui esse algo que se relaciona com a abertura e que, por fazer buraco, está em relação a essa correspondência do Real. Entendemos que Lacan quer mostrar a dimensão do Real como a própria condição do pensamento, e que o sujeito ex-siste a sua realidade, assim como ao Real.

Como fora esclarecido inicialmente, o sujeito, como estrutura de pensamento, surge na sua relação com algo que é barrado em sua própria estrutura, isto é, o Real. Com essa proposta do nó, verificamos sua mostração lógica através do enodamento. Esse enodamento só é possível por seus buracos, os quais provocam pontos de ex-sistência, mostrando algo que antecederia ao ser e ao pensamento: o sujeito ex-siste a isso. A partir disso, podemos apreender o que mencionamos anteriormente em nosso texto: que o pensamento e a realidade são constituídos por uma qualidade de franqueamento, como efeito desses buracos. A mostração do nó corrobora para sustentar a primeira dimensão da fórmula, que é o \$.

Deparamo-nos com o último elemento da fórmula da fantasia, o pequeno *a*. Mendonça (2018), já em uma leitura avançada sobre o nó borromeano, pontua que este fica bem localizado no centro da cadeia. Nesse sentido, a junção dos três registros é o lugar do objeto *a*. O campo do sentido fica restrito à interseção entre imaginário e simbólico. Esse é o momento que podemos compreender em que a fantasia opera na dimensão do desejo do que quer o Outro. O objeto *a* aparece também fora do sentido, como já articulado, e a fantasia, numa dimensão de gozo ligada para fora da linguagem. Segundo Miller (2011) podemos acompanhar nas obras de Lacan a construção conceitual da fantasia como uma unidade simbólica–real com elementos do imaginário, ou seja, como um nó, uma unidade seccionável. Há unidade porque há solidariedade entre o efeito de sentido e o produto de gozo. Essa solidariedade constituiu a própria estrutura da fantasia (Miller, 2011).

1.7. A fantasia e a perspectiva da verdade em Lacan

Tocamos novamente no significante *verdade*, pois a verdade reverbera como forma de pensar não somente a realidade, mas também o Real, colocando a fantasia como uma possibilidade de invenção de contar a sua própria versão da verdade sobre o Real. Miller (2011) esclarece a importância da verdade na teoria de Lacan, abordando o inconsciente e o Real na prática clínica. Sua explicação nos orienta sobre como pensar a perspectiva da fantasia e da verdade em Lacan.

Segundo Miller (2011), o termo verdade marcou o ensino de Lacan e ele nunca abandonou essa referência, dando a entender que só se poderia dizer que a verdade é uma espécie de sentido, um sentido afetado pelo coeficiente da verdade. Se retornássemos a seu começo, perceberíamos, de acordo com Lacan, que uma análise, em primeiro lugar, é um progresso da verdade para o sujeito. E, aqui, o singular tem o valor mais forte, porque a

verdade supostamente inscrevia-se na continuidade de uma história. Quando Lacan dizia a *história* de um sujeito, esta era extremamente valorizada: a verdade estava ligada a essa história no singular. A expressão histórica do sujeito correspondia ao termo inconsciente.

Miller (2011) nos assinala que encontramos nos *Escritos*, em *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953), a definição segundo a qual o inconsciente é um capítulo censurado, o capítulo censurado de um texto que é a história do sujeito. Como diz Lacan, “[...]O inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira” (*apud* Miller, 2011, p. 174). Ou seja, o inconsciente é um capítulo da história do sujeito, visto que, nesta história, alguma coisa não pode se inscrever, figurar, manifestar etc.

No início teórico, a correlação estabelecida entre inconsciente e história seria a do lugar da verdade. Para Lacan, verdade era antônimo de recalque. Ele pensava que os recalques metodicamente levados na experiência psicanalítica se integravam de modo muito natural numa história contínua, restabelecendo uma continuidade ali onde ela era falha. Tudo então era aferido à continuidade que pode se dizer ideal. E a mentira é um dos nomes do recalque, ao passo que verdade é o que sanciona o levantamento de um recalque (Miller, 2011).

Com o avançar teórico no novo regime lacaniano, a verdade surgiria pela introdução de um neologismo, vindo afetar esse termo chave, por meio do qual história se torna *histoeria*. O termo *histoeria* no lugar de história volatiliza a noção de ideal de história, com a qual Lacan começara. Reinscreve-a no quadro da relação do analisando com o analista e torna-se uma história transferencial: a *histoeria* não tem a continuidade da história ideal. Nesse ponto, a verdade poderia ser posta no plural, poderia perder o artigo definido singular. Trata-se tão somente da emergência de uma verdade, que não é forçosamente coerente como outra que emergirá alhures, mais tarde. Não se presume que elas constituam uma normalidade, pois são

muito mais esparsos clarões: termo conhecido como variedade, a verdade variável, conceito formulado por Lacan na parte final do seu ensino (Miller, 2011).

De acordo com Miller (2011), a história tem a dimensão do Real como contingente. Iannini (2009) compartilha da mesma orientação para pensar o lugar de verdade no ensino de Lacan. O autor nos elucida duas balizas: a verdade na concepção da contingência da verdade como não sendo não toda, e uma lógica da pulsão, uma estética do Real (Iannini, 2009). Em Lacan, desde a fórmula inicial, vê-se bem que a necessidade não passava de uma construção, e que a operação verdade realizada na análise fazia surgir a verdade da contingência factual, que dá sentido e razão para o que acontece, como para o que lhe cai, aquilo em que se tropeça. É uma operação de mentira. A história constitui a emergência da verdade no Real. Do ponto em que consideramos essa proposição, podemos apenas pôr a distância o singular da *verdade*, já que sabemos que esta é eminentemente variável.

Compreendemos, então, que o sujeito conta sua história a partir do recalque, não contemplando a contingência do Real. Nesse momento é que podemos inferir a incidência maior da fantasia, na qual existe relação sexual, existe uma ficção inconsciente do encontro do sujeito com o Real, a partir do qual ocorre o recalque; nisso, se conta a verdade mentirosa. Porém, sabemos, como mencionado por Miller (2011), que Lacan diz que é preciso haver uma fantasia fundamental que localize o gozo. É preciso haver uma e apenas uma fantasia. É a mesma que fazia localizar o gozo no falo. E o que os objetos pulsionais podem condensar de gozo, eles o devem ao Um fálico; eles só são pensáveis a partir da função fálica. Lacan usou a expressão por escrito uma ou duas vezes, e todo mundo saiu catando: *Qual a minha fantasia fundamental?* E todo mundo faz bem em procurá-la, pois a busca da fantasia fundamental é um suporte válido da pesquisa no âmbito da verdade mentirosa. Isto é, existe Real na fantasia, porém, este fica sendo contado a partir do recalque predominantemente singular.

Como nos convida Lacan no final de *Outros escritos*, transformar história em *histoeria* é marcar na operação analítica a dominância do desejo do Outro – no fundo, sua falta de objetividade. Então, nesse caso, qual é o desejo do Outro? Qual a resposta ao que queres, ao *che vuoi?* É um quero sentido, quero que isso faça sentido, que se coordene, que seja coerente, que se sustente, que se relate, se verifique, se cante (Miller, 2011). A *histoeria* é fantasia sendo tocada pela contingência do Real, e ela acontece no processo analítico. Podemos colocar isso nos seguintes termos: a fantasia tem o registro imaginário pelo sentido; a verdade mentirosa é simbólica (recalque); e o Real é o contingente verdadeiro contido nela.

Propomos a seguinte utilização do nó borromeano para pensar a fantasia:

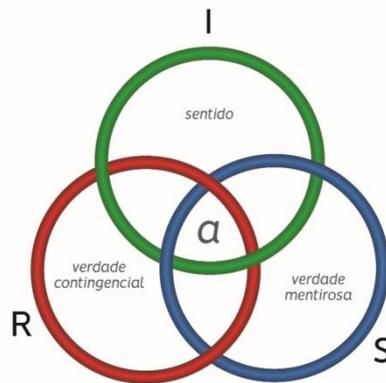


Figura 1

Fonte: Elaborada pela autora a partir da leitura de Miller.

Portanto, o que Lacan chamou de fantasia é a relação fundamental com o gozo, porém modelada pela estrutura de linguagem, marcando que a fantasia tem raízes imaginárias, que o simbólico também está implicado sob a forma de cenários e que essa fantasia é igualmente uma janela¹⁵ sobre o Real, fazendo função de Real. No âmbito clínico, como nos assinala Miller (2011), não importa se é verdade ou não. Segundo o autor, o mais importante é a

¹⁵ A expressão *Janela para um Real* mencionada por Miller (2011) vem a partir de sua leitura de seminários anteriores de Lacan como: *A angústia* (1962-1963/2005), e proposição de 9 de outubro de 1967. Propondo a fantasia como o que faz tela ao Real, o protegendo, mas como também a fantasia lhe permite estar de forma recortada no Real, possibilitando ao sujeito uma garantia de se saber sujeito, o autor compreende que a fantasia é uma função do Real, uma função subjetiva e singularizada da realidade e do Real.

presença do termo revelação presente nos efeitos do processo de análise que produzem um levantamento do véu, indicando a relação distorcida, complicada, que o sujeito mantém com o saber. Não se pode dizer que o não saber seja o contrário de saber, pois aqui também está implicado o não querer saber, o saber sem que nele se preste atenção, o saber sem que se queira dele tirar as consequências, saber e pensar noutra coisa.

A fantasia estrutura a realidade para cada um. Como será visto adiante, o romance familiar é a escrita de uma história particular, feita de fantasias que se organizam para a construção de um sentido. A construção do romance familiar permite certo deslocamento, de “ser determinada pela história”, para “ler essa determinação” (Cunha & Lima, 2012, p. 799). Ela tanto serve de anteparo quanto é uma forma de abordar o real. Esse romance, sustentado pelas construções simbólicas e imaginárias feitas na infância, oferece certa estabilidade a Vitória. No caso apresentado, o romance familiar de Vitória situaria a mulher em posição de objeto depreciado pelo homem. Vitória se angustia ao abordar o lugar de objeto que ocupa junto ao pai, que a usa para conquistar as mulheres. A escuta analítica e a instauração da transferência têm como efeitos a abertura inconsciente. Vitória passa a interrogar-se sobre a sua relação com os rapazes, reconhecendo sua ambivalência em relação a eles. As relações com as mulheres não parecem ser o resultado de uma escolha de objeto. Vitória não se envolve com as mulheres, e quando fica com elas, busca o olhar dos homens. Ao considerar a sua identificação viril com o pai, insaciável em sua busca de gozo, abre-se uma via para a construção de um novo saber. Como veremos, a reorientação da fantasia e a construção do sintoma são pontos de estabilização do sujeito na adolescência.

Vitória busca certa aproximação com os jovens através do jogo virtual, que ela nomeia de *Verdade ou Consequência*. Através do jogo, ela se interroga sobre o enigmado desejo do Outro, buscando apreender a “verdade” do desejo e do sexo. O jogo permite certo tratamento simbólico e imaginário do real que emerge na puberdade. Se a tela do dispositivo tecnológico

serve de anteparo ao confronto com o Real, mantendo a distância entre os corpos, ela também pode viabilizar o encontro “corpo a corpo”. No entanto, veremos que a interrupção do tratamento não permite acompanhar esse percurso de Vitória.

No próximo capítulo, abordaremos a função da fantasia na adolescência, momento de retomada das respostas primordiais do sujeito. Segundo Machado (2015), o sexo é o encontro não só com o outro-semelhante mas também com o Outro enquanto parceiro íntimo, presente na fantasia, assim como tratamos o Outro na sua dimensão mais Real e inassimilável. Diante disso, a fantasia constitui uma arrumação na relação do sujeito com seu objeto, no que existe em sua díese. Assim, a aproximação do Real reaparece com a dimensão da puberdade, levando o sujeito a reconfigurar-se sobre o seu modo de construção de realidade. A fantasia não passa sem efeitos por esse processo; ela é atualizada para o sujeito nos dois campos, na via do sentido e na via do Real.

2. DO DESPERTAR DO REAL DA PUBERDADE À ESTABILIZAÇÃO DA REALIDADE PELA FANTASIA

*Qu'on a perdu?
Il est dans
Le berceau des destins
A la croisée des chemins.
Sous les rameaux de jasmins
Dans la chaleur de l'été
Caché dans le creux des mains
Tout près de la vérité¹*

Duteil, 1979

Neste capítulo, discutiremos a importância da fantasia no tempo lógico da adolescência, buscando esclarecer sua relação com a angústia. A nossa hipótese é a de que o despertar do Real da puberdade tem um efeito desestabilizador da relação do sujeito com a realidade, desencadeando a angústia, e a reorientação da fantasia permitiria a sua estabilização.

Tanto o conceito de adolescência quanto o de infância é uma construção social bastante maleável e ligado ao aspecto político e cultural de cada época. Em nossa cultura ocidental, o aparecimento das fases da vida ocorreu em meados do XVI, inicialmente nos meios sociais mais privilegiados (Le Breton, 2016). Coutinho (2009) verifica a inscrição da palavra adolescente nos dicionários por volta do século XIX, apesar de reconhecer controvérsias acerca do aparecimento histórico do conceito.

De acordo com Ariès (1978), o primeiro adolescente moderno típico foi Siegfried, da ópera homônima de Richard Wagner. A música de *Siegfried* expressou pela primeira vez sutilezas que misturam pureza (provisória), força física, de naturismo, de espontaneidade e de alegria de viver, que fariam do adolescente o herói do nosso século XX, o século da

¹ Música *L'adolescente*, tradução nossa: [...] *Quem está perdido? Ele está no berço dos destinos, na encruzilhada sob os galhos de jasmim. No calor do verão escondido no oco das mãos, muito perto da verdade.*

adolescência. Segundo Ariès (1978) esse fenômeno, surgido na Alemanha wagneriana, adentraria mais tarde na França, em torno dos anos 1900. A “juventude”, que então era a adolescência, iria tornar-se um tema literário e uma preocupação dos moralistas e políticos.

Coutinho (2009), com base em Reymond (2000), diferencia os termos *puberdade* e *adolescência*, ressaltando que o primeiro vem do latim *pubertas*, derivado de *púbis* (pelo), que remete às transformações corporais e fisiológicas que ocorrem ao final da infância, enquanto adolescência diz respeito aos aspectos psicológicos e sociais em questão. Essa referência talvez explique a estabilidade semântica do termo puberdade e a instabilidade do termo adolescência ao longo da história no Ocidente.

Como atestam Lima e Santiago (2009), a noção de adolescência na psicanálise não coincide com a perspectiva social. Freud (1905/2016) não utiliza o termo adolescência, mas puberdade, que se refere às transformações biológicas que ocorrem na passagem do corpo infantil para o corpo adulto. No entanto, o autor se interessa pelo trabalho psíquico ocasionado pelas transformações da puberdade. Freud descreve dois tempos da sexualidade: o pré-genital, situado na infância, e o genital, que tem seu início na puberdade. O período de latência, situado entre os dois tempos da sexualidade, é marcado pela inibição total ou parcial das pulsões sexuais. A interdição do incesto, como modelo de lei, representa a condição para a convivência social. A partir da interdição, com a entrada na latência, o desejo incestuoso é recalçado no inconsciente, mas continua a existir enquanto fantasia e é reativado na puberdade.

Na contribuição lacaniana, o texto mais conhecido sobre a adolescência seria o *Prefácio ao Despertar da primavera* (1974/2003), que aborda a peça de Frank Wedekind, de 1891. Nesse prefácio, Lacan aborda o que é para os meninos adolescentes fazer amor com as meninas. Para o autor, o momento em que a iniciação sexual se faz possível é quando o despertar do Real da puberdade leva o jovem a realizar uma pergunta sobre o outro sexo.

Como Lima (2016) nos lembra, os jovens só pensam nas meninas depois de sonhar com elas, ou seja, a fantasia tem uma função de antecipação e de preparação para esse encontro com o outro sexo.

A peça encenaria, de forma trágica, o encontro desses jovens com a não relação sexual, isto é, com a inexistência de uma relação completa, satisfatória e totalmente abarcada pelo sentido. A puberdade seria, portanto, o momento paradigmático do encontro com o Real (Lacan, 1974/2003).

Lacan, no seminário 18 *De um discurso que não fosse semblante* (1971/2009), comenta que se há a impossibilidade de escrever a relação sexual, o encontro sexual seria possível pela via dos semblantes.² Para Lima (2016), o encontro entre os dois sexos se baseia na falta apontada pela ausência do falo, que instaura a possibilidade do uso dos semblantes. Assim, o falo, enquanto significante do desejo, resultante da operação de castração simbólica, seria o mediador que, ao mesmo tempo, possibilita a relação entre homens e mulheres e faz obstáculo à relação sexual (Lima, 2016, p. 180).

Se Freud concebe a puberdade enquanto regulada pelo significante fálico, resultante da função paterna, Lacan esclarece que o que Freud define como função paterna pode ser localizada na referência estrutural da linguagem. A perda de gozo seria proveniente da entrada do sujeito na linguagem, e não do exercício da função paterna. Lacan (1974/2003, p. 558) ressalta que a estrutura da linguagem já concebe a exceção que comporta a função paterna: “[...] não há língua que não se force a isso, não sem um queixar-se de que faz o que pode dizer ‘sem exceção’”. O que ao longo do prefácio ele nomeia como *Nomes do pai* seria a função de exceção que transmite a lei e um saber, isto é, que ordena e organiza o gozo. Lacan resguarda

² O semblante tratado por Lacan (1971/2009) é um instrumento utilizado pelos seres falantes, através dos recursos simbólico e imaginário que permitem o sujeito ter uma estreita relação com o Real dos sexos, construindo uma aparência. Essa aparência não tem caráter de tentar fingir nada, mas sim de construir um parecer.

a leitura Freudiana, mas vai além da ordem fálica, acrescentando que a própria sexualidade faz furo no Real.

Como destaca Lima (2016), o confronto com o Real do sexo na adolescência implica o encontro do gozo para além do fálico. A autora acrescenta que na puberdade o sujeito é invadido por um excesso de gozo que leva a uma quebra das identificações simbólicas, as quais até então sustentavam o sujeito, momento em que também ocorre a ruptura da imagem corporal provocada pelas profundas mudanças corporais sofridas. O jovem púbere vive a ausência de um saber sobre o que fazer diante do outro sexo.

Se a passagem pelo Édipo e pela castração permite ao sujeito uma significação fálica, a puberdade faria vacilar essa significação. Lacan (1974/2003) se vale do jogo de palavras privado/público para dizer da função do véu, da fantasia na adolescência. A fantasia recobre o furo, mas vacila diante do Real. Há um esgarçamento do véu que cobre a sexualidade, tomando-a como um mistério (Lima, 2016). Lacan (1974/2003) designa a levantada do véu da fantasia sobre o objeto na puberdade, revelando a face Real contida nele, ou seja, o vazio de sentido. A reorientação da fantasia possibilita ao sujeito adolescente estabilizar-se com a realidade, enquadrando o Real.

2.1. A presença da angústia na adolescência

Para pensar o conceito de angústia em Freud, partiremos do trabalho *Inibição, sintoma e angústia* (1926/2014), texto em que ele busca esmiuçar os conceitos-título. Vale lembrar que esse trabalho está ainda sob uma ótica metapsicológica e que se verifica nele alterações temporais que visam a delimitar bem que campos são esses, os da inibição, do sintoma e da angústia, e suas associações com o *eu*, o *id* e o supereu.

Para realizar esse trabalho, Freud utilizou como conceito norteador o recalque. Freud (1926/2014) categoriza a angústia como um afeto, localizando-a em relação ao recalque. Dessa forma, a primeira leitura estipulada sobre a angústia seria consequência do recalque.

Freud (1926/2014) entende que os estados afetivos se incorporam à psique como precipitados de antiquíssimas vivências traumáticas — precipitados estes que devem sua existência ao despertar dos símbolos mnêmicos, isto é, dos acontecimentos traumáticos que foram memorizados na vida psíquica. No entanto, posteriormente, Freud estabelece como hipótese que algo da angústia se precipita a essa experiência do recalque, sendo até conectado a uma experimentação de desamparo orgânico, já presente no nascimento.

Para avançar nessa questão da localização da angústia como causa e efeito, compreendemos que foi no decorrer da retomada do caso Hans³ que Freud especificou a angústia como afeto mediante o complexo de castração. Tal afeto, denominado angústia realista, consiste na angústia anterior ao recalque, diante de um perigo propriamente ameaçador ou considerado real. Isso atesta que a angústia da fobia animal era a angústia de castração sentida pelo Eu.

Em seus estudos sobre as fobias, Freud verifica que a maioria delas remonta à angústia do Eu diante das exigências da libido. Para ele, a postura angustiada de tal instância é sempre o elemento primário e instigador do recalque — a angústia não se proveria jamais da libido reprimida. Mais à frente, retomaremos o conceito de angústia realista exatamente para sublinhar uma possível leitura lacaniana acerca do Real, da angústia e do objeto *a*. Antes disso, entretanto, destacaremos outro conceito importante para falar da angústia, que é o de objeto.

³ Na *Análise da fobia de um garoto de cinco anos*, publicado em 1909, Freud distingue o conceito de angústia nesse caso, pois, a partir de então, a fobia não vinha mais do processo de recalque, e sim consistia no medo de castração inalterado, isto é, um medo considerado realista.

É a partir da fobia que Freud (1926/2014) diz que a angústia tem objeto e que, na castração, esse objeto toma uma expressão deformada, como, por exemplo, o medo de ser mordido por um cavalo, em vez de ser castrado pelo pai. A formação substitutiva tem duas vantagens óbvias: a primeira diz respeito à evitação do conflito provocado pela ambivalência, pois o pai é também um objeto amado; e a segunda diz respeito ao fato de que ela permite ao Eu cessar com o desenvolvimento da angústia.

Como vimos anteriormente, Freud (1926/2014) diz da angústia mediante a castração, ainda que retome sua hipótese orgânica. A primeira experiência angustiante para os seres humanos é o nascimento, e isso significa, objetivamente, a separação entre o filho e a mãe, podendo ser comparada à castração materna. Apesar de não representar um perigo real como no complexo de castração, Freud demarca outra sutileza na angústia orgânica, que é a de que, desde o nascimento, a angústia aparece como reação à falta do objeto. Nesse seguimento, Freud traz o exemplo do bebê que exige ter a percepção materna. Isso ocorre devido à experiência, já que a mãe satisfaz rapidamente todas as necessidades. Assim, a situação que o bebê avalia como perigosa, contra a qual deseja estar protegido, é a da insatisfação, do aumento da tensão gerada pela necessidade. O que consideramos mais interessante é que, ao articular isso, Freud menciona a mãe como um objeto psíquico (Freud, 1926/2014, p.79-80), o que apostamos como a possibilidade encontrada por Lacan de avanço teórico.

Dessa forma, retomamos aquela menção sobre a angústia realista. No final do texto *Inibição, sintoma e angústia*, Freud apresenta uma diferenciação entre angústia realista e angústia neurótica, exatamente pela via do objeto: a angústia realista sabe a causa do perigo, enquanto a angústia neurótica se coloca ante um perigo que não se conhece. Sendo assim, Freud (1926/2014) se questiona qual o núcleo da situação de perigo, ou seja, qual o seu significado, e sua aposta investigativa é a de que a angústia remonta ao perigo — o perigo

pulsional do desamparo psíquico. A angústia consistiria na reação original ao desamparo no trauma, a qual, depois, se reproduz em situações de perigo, como sinal para ajuda.

Realizamos esse percurso sobre a angústia exatamente para apontar o que concerne à formulação do objeto *a* e, também, como a angústia em Lacan sofre modificações. Lacan (1962-1963/2005) busca avançar nessa temática, indo além da castração e elaborando a noção de objeto *a*. Ao retomar o estádio do espelho, Lacan (1962-1963/2005) localiza aí a emergência da angústia. O autor comenta que, inicialmente, o objeto *a* aparece presentificado sem sua ausência, ou seja, nesse lugar de falta, que ele assinala como $(-\phi)$, indicando uma relação de reserva libidinal com algo que não se projeta. O que se inscreve no lugar aqui designado pelo $(-\phi)$ é a angústia de castração, em sua relação com o Outro, a qual Freud se referia.

Lacan, contudo, vai enfatizar o surgimento da angústia a partir da presença do objeto *a*. Para Lacan (1962-1963/2005), a castração, em sua estrutura imaginária, já está dada em $(-\phi)$, no nível de fratura que se produz na aproximação com a imagem libidinal do semelhante. Segundo Soller (2012), Lacan ressalta que o objeto é o que não aparece na imagem especular. A angústia é quando surge algo aí onde nada deveria aparecer. O que surge é algo que evoca, ou convoca, o objeto. Ainda para a autora, Lacan esclarece que os momentos de angústia correspondem a fenômenos de aparição no imaginário. As conjunturas de angústia são momentos nos quais aparece no imaginário algo que convoca a dupla incógnita do sujeito e do Outro, ou seja, quando o sujeito se depara com o enigma do desejo do Outro, que, em geral, é recoberto pelo discurso do Outro (Soller, 2012). Assim, as significações do Outro que recobrem o desejo e o enigma se rompem. Essa ruptura de significação faz emergir o enigma do desejo do Outro, com o surgimento da angústia, como o afeto que não se engana. A angústia é o afeto efeito da falta da falta, pois surge no lugar do $(-\phi)$.

Nos anos 1970, Lacan situa a angústia em relação ao Real, como um transbordamento do Real sobre o imaginário. Tradicionalmente, a psicologia distinguia a angústia do medo. Se o medo tem um objeto determinado, a angústia caracteriza-se exatamente por não ter um objeto, o que explicaria o seu caráter enigmático (Soller, 2012). Lacan (1962-1963/2005), por sua vez, assinala que a angústia não tem um objeto específico, nomeável, entretanto, ela não é sem objeto. A angústia irrompe quando há uma ruptura de significação, na qual quem a experimenta encontra-se repentinamente como sujeito destituído ou como objeto à mercê do Outro (Soller, 2012).

Ao retornar ao texto *Inibição, sintoma e angústia* (1926), Lacan ressalta a indeterminação, a *objektlosigkeit* da angústia. Lacan (1962-1963/2005) entende que essa indeterminação, esse indizível, se refere ao objeto *a*, que traz em sua constituição o Real. A angústia seria o sinal da irreducibilidade do Real enquanto objeto para o sujeito. A angústia propriamente seria o sinal dessa experiência na constituição do sujeito e de sua relação com o objeto enquanto Real.

Como nos esclarece Miller (2005), a angústia que Lacan trata em seu seminário relaciona-se com um atravessamento da realidade pelo Real, sendo correlativa a uma falha do significante. Assim, a angústia tem como referência a noção de castração, vinculada ao enigma do desejo do Outro, mas também ao objeto *a*. A angústia surge como uma ruptura de significação da realidade, como um sinal do Real.

Como vimos, o enigma sobre o desejo do Outro, assim como o encontro com a não relação sexual, são atualizados na adolescência. Ambos apontariam para uma falha estrutural no saber. Na lição XIX, sobre *O falo evanescente*, do seminário sobre *A angústia*, Lacan (1962-1963/2005) faz uma breve menção sobre a relação entre objeto *a* e saber na adolescência. Para o autor, haveria indícios sensíveis de que a puberdade, com a maturação do objeto *a*, seria o momento inaugural do funcionamento do conceito (Lacan, 1962-1963/2005).

Segundo Viola (2019), não existe um saber que abarque o Real do sexo que advenha com o despertar pubertário. A maturação orgânica, que capacita o corpo para o ato sexual, não é acompanhada de um saber fazer no encontro sexual. Considerando que a adolescência é uma resposta subjetiva ao que emerge com a maturação no corpo e que escapa ao sentido, o pensamento pode auxiliar o sujeito nesse momento.

Como destaca Viola (2019), o significante fálico simboliza o gozo ao mesmo tempo que o vela. A autora acrescenta ainda que a função da castração é atualizada de forma proeminente na puberdade. Há uma retomada da lógica fálica por um sujeito que, diferentemente da criança no tempo que precede o declínio do Édipo, está de posse de um saber sobre a diferença sexual, um saber enigmático.

O despertar do Real da puberdade desestabiliza “a realidade” do sujeito, desencadeando angústia. Vieira (2002) encontra no texto de Miller, *De la surprise à l'énigme* (1997), a noção de angústia como uma experiência de desabamento do mundo, de apagamento das escoras que sustentam a realidade. A angústia tem um caráter paradoxal, pois, ao mesmo tempo que surge pela perda de sentido, é uma experiência de certeza e não de dúvida. A angústia é um afeto que não se engana. Essa seria a marca Real da angústia. Essa vertente Real da angústia se apresenta na puberdade diante do confronto com a radicalidade da não existência do Outro.

Esse Real fundamental da angústia é, ao mesmo tempo, aquilo que pode motivar o desejo, pois encarna a zona obscura do mundo, desde que recoberto pelo véu da fantasia. Como nos lembra Vieira (2002), Lacan formula o conceito de objeto *a* justamente a partir da angústia, trata-se de um objeto que incorpora o paradoxo no campo do sentido, ou seja, o seu furo e o seu limite. Sendo assim, a angústia leva o sujeito a despertar, seja para reinstalar-se na fantasia, seja para mergulhar na pulsão de morte.

Segundo Ramírez (2014), Freud já assinalava a relação da angústia com a noção de “despertar”, ao abordar o trabalho de elaboração da vida onírica. Entretanto, o despertar traria a Freud um problema epistêmico: se o sonho é o guardião do sono, o que ocorre nos sonhos que faz o sujeito despertar em sua metade? Vale recordar que, até então, Freud teoriza os sonhos como um lugar da satisfação de um desejo. Freud narrara um sonho que se tornou paradigmático de um sonho de angústia: o de um pai que, velando seu filho, sonha, no quarto contíguo, que o filho viria até a sua cama para recriminá-lo de que seu cadáver ardia, o que efetivamente estaria ocorrendo. Freud caracterizava os sonhos de angústia como sonhos de despertar.

De acordo com Ramírez (2014), os sonhadores de Wedekind manifestavam um componente de angústia ligado aos seus sonhos. O autor questiona a ética do sujeito, isto é, a presença de um gozo que revelaria algo além do princípio do prazer. Os púberes de Wedekind, perseguidos por excitações sexuais, e sem um saber ético a respeito, manifestam a sua angústia diante da impossibilidade de uma elaboração significativa com o sexo. Para Ramírez (2014), o significante, a fantasia, o inconsciente, o imaginário e o simbólico, adormecem. A angústia desperta o sujeito para que ele se refugie no sentido, que lhe dá a homeostase do princípio do prazer, fugindo do gozo, se reorientando pela fantasia.

2.2. A fantasia e a estabilização na adolescência

Segundo Stevens (2013), o sintoma e a fantasia são o que Lacan chamou de pontos de basta, pontos de estabilização que o sujeito encontra para pôr em harmonia sua existência. Entretanto, antes de desenvolvermos essa discussão, é importante realizar uma breve distinção entre sintoma e *sinthoma*. Lacan (1975-1976/2005) apresenta o sintoma como uma construção simbólica, que exprime uma verdade semidita. O sintoma refere-se ao sujeito barrado que está

sujeito à fantasia (Lacan, 1975-1976/2005, p. 24). Para nos ajudar nessa leitura, recorreremos a Lima (2009), que menciona o texto estabelecido por Miller, “*Réflexions sur l’enveloppe formelle du symptôme*” (1985). Nesse texto, Miller, em sua leitura de Lacan, descreve o sintoma como um envoltório significante, que envolve o real do gozo. Nessa vertente, o sintoma é constituído como uma mensagem significante, tem estrutura de ficção e é endereçado a um Outro.

Já o conceito de *sinthoma*, Lacan o apresenta como “o que há das pulsões que não se propõe a traduzir” (Lacan, 1975-1976/2005, p. 18). Segundo Lima (2009), Lacan introduz uma outra dimensão, para além do deciframento, que mostra a vertente de puro gozo do sintoma, que não pode ser interpretada. Sendo assim, o *sinthoma* não teria a estrutura de ficção e não se endereçaria ao Outro.

Stevens (1998) aponta a adolescência como sintoma da puberdade. A leitura do autor parte de Miller, que propõe o sintoma como uma metáfora à inexistência da relação sexual. No lugar dessa ausência da relação sexual, o sujeito elabora um sintoma como uma resposta possível ao Real impossível de circunscrever. Nessa perspectiva, a adolescência é a resposta sintomática que o sujeito vai dar ao confronto com o real sexual. É um arranjo particular com o qual ele organizará sua existência e sua relação com o mundo. A fantasia é o que permitirá reorientar esse sintoma como resposta, marcando a construção de um saber. Trata-se de um enquadramento singular que possibilita o sujeito construir um sentido para a vida.

2.2.1. A estabilização do sujeito adolescente pela fantasia em Freud

Freud (1905/2016), em *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, faz a primeira marcação sobre o tempo da puberdade. Nesse momento teórico, o autor realiza uma leitura norteada pela orientação organicista, tendo como balizas o princípio do prazer e o princípio da

realidade. Freud consegue mostrar como esse crescimento abala toda a estrutura psíquica, ressaltando que ele desencadeia produções sexuais que se manifestam psiquicamente e somaticamente. Isso modifica toda a dinâmica da libido que sempre teve como objetivo descarregar os investimentos em objetos sexuais.

A noção de objeto se torna muito importante para Freud (1905/2016) desenvolver a função da fantasia na puberdade. No mesmo texto, ele destaca o que vincula puberdade, fantasia e objeto em uma célebre frase: a escolha do objeto é inicialmente realizada pela via da imaginação, e a vida sexual do adolescente não tem outra opção senão a entregar-se à fantasia. Ainda acrescenta que a escolha pelo objeto sexual está sustentada no laço de amor estabelecida com os pais desde amais tenra infância, e que o período da puberdade gera sofrimento também pelo rompimento com o lugar de investimento de amor devotado aos pais que coloca-se a atualizar e desprende-se.

Freud argumenta que o momento da puberdade é o momento da realização da meta sexual. O adolescente retomaria a função da fantasia, construída como uma história e sustentada no investimento amoroso dos pais, mas que inclui o que se separou do amor dos pais.

Em seu texto intitulado *O romance familiar dos neuróticos*, Freud (1909/2015) esclarece que o romance familiar é construído a partir dos devaneios e fantasias infantis. A construção do romance teria dois estágios: o assexual e o sexual. O assexual conteria desejos de correção da vida ligada a um sentimento erótico e outro de ambição. Na época mencionada, a imaginação da criança busca a tarefa de livrar-se dos pais menosprezados e substituí-los por outros, normalmente de posição social mais elevada. Nesse sentido ela se aproveita de contingências trazidas por experiências reais, vivências casuais que provocam a inveja da criança, que acha expressão numa fantasia que substitui os genitores por outros mais nobres. Freud destaca que a eficiência dessas fantasias iria depender de serem elaboradas com

maior ou menor empenho para obter a verossimilhança. Esse estágio é alcançado num momento em que a criança ainda não possui o conhecimento dos determinantes sexuais da procriação.

O segundo momento da construção do romance se dá quando a criança vem a saber das diferenças sexuais entre o pai e a mãe. A criança então coloca em questão a origem do pai e não coloca em dúvida a origem da mãe. Esse segundo estágio (sexual) do romance familiar é sustentado por um segundo motivo, que faltava no primeiro estágio (asexual). Com o conhecimento dos fatos sexuais, emergiria o pendor a imaginar situações e relações eróticas, em que a força motriz é o desejo de colocar a mãe, o objeto do maior investimento e curiosidade sexual, na situação de secreta infidelidade. Desse modo, aquelas primeiras fantasias assexuais, por assim dizer, são levadas à altura do conhecimento.

Freud (1909/2015) alerta sobre a importância da função dessa fantasia, destacando a sua maneira de conservar, sob ligeiro disfarce, a afeição original da criança pelos pais. Ao examinar essas fantasias, o autor destaca que esse sentimento de aparente ingratidão, marcado pela substituição dos dois genitores por indivíduos mais formais, é na verdade a tentativa de manter os traços e lembranças verdadeiras do pai e da mãe, de modo que a criança não os elimine propriamente. Todo o seu empenho em substituir o pai verdadeiro por um pai mais “nobre” é apenas uma expressão da nostalgia da criança pelo tempo feliz, em que seus pais estavam neste lugar privilegiado de investimento amoroso. Freud (1909/2015) conclui que esse mecanismo inclui atividade imaginativa, devaneios e fantasias, atividades que podem durar até tardiamente na vida, mas que no período da puberdade surgem com mais vigor, como um processo necessário para o progresso da civilização.

Para Vieira (2002) a psicanálise descobre que o encontro com o objeto só é realizado, por meio da ambientação romanceada que fixa lugares e papéis. Essa maneira como inserimos o objeto em uma cadeia de sentido gera uma função apaziguadora. Vieira acrescenta ainda

que a fantasia estava antes durante e depois do encontro com o objeto. Devemos, contudo, distinguir o “antes” do “depois”. A relação sujeito-objeto é uma situação aberrante de acasalamento entre o sujeito, produto de uma rede de determinações simbólicas, e o objeto, Real que extrapola esta rede. Trata-se de uma zona de violência e não de paz. Só *a posteriori* um sentido para esse encontro, pacificador, se constrói, individualmente, inconscientemente, apoiado na malha significativa primordial que constitui a fantasia. Dessa forma, aquilo que era um mapeamento, violento, do encontro fundamental entre o objeto e o sujeito, vai se transformar em trama, roteiro, uma historinha que funciona como véu para ocultar o aspecto excessivo do objeto.

Nessa perspectiva, a estabilização do sujeito pela fantasia em Freud passa pela construção do seu romance familiar. Como nos coloca Lima (2009), o romance familiar formulado na fantasia permite a realização de desejos e a retificação da vida real, existindo uma tentativa de encobrimento da castração, como um manejo para não ter de se ver com a separação, no momento em que o sujeito se depara com a falta no Outro.

2.2.2. Estabilização na adolescência pela fantasia em Lacan

No seminário que nos orienta, *A lógica do fantasma* (1966-1967/2008), Lacan não trabalha diretamente a função da fantasia para o adolescente. Verificamos duas menções muito breves, que serão resumidas a seguir. A primeira destaca a tentativa simbólica de organizar o gozo, partindo de uma leitura de Freud sobre a zona genital. Essa abordagem é apresentada na lição XIII, de 1º de março de 1967, na qual Lacan, ao abordar a pulsão genital, afirma que a moça e o rapaz terão novamente que lidar com a operação do objeto e com a satisfação genital, logo percebendo o que se chama de insatisfação do outro sexo, ou seja, o momento em que se verifica a inexistência da relação sexual. Nessa mesma lição, Lacan

apresenta um esquema que mostra como a simbolização possibilita uma satisfação com esse gozo desgovernado e diferencia as formas distintas de satisfação para o homem e para a mulher. Porém, somente no seminário *20 mais, ainda* (1972-1973/2008) é que Lacan desenvolve o tema a partir da tábua da sexuação. Não entraremos aqui nas especificidades da fantasia nos dois lados da tábua, do lado do Homem e do lado da Mulher, pois não faz parte do objetivo desta dissertação. Vamos abordar brevemente a discussão lacaniana dos dois modos de gozo apenas para analisar a relação entre fantasia e gozo na adolescência.

Como nos assinala Lima (2016), para Lacan há um desencontro entre o sexo masculino e o sexo feminino nos campos do gozo e do amor. Se há uma impossibilidade de escrever a relação sexual, o encontro sexual é possível pela via dos semblantes (Lima, 2016, p. 177). Lacan (1985) distingue duas posições sexuais, mostrando que elas apontam lógicas distintas e demarcando um gozo próprio a cada uma. Se do lado masculino o gozo adquire uma significação fálica, do lado feminino ele vai além. O adolescente é confrontado com um buraco no saber, com um Real indizível, com uma dimensão de gozo que escapa ao sentido, o feminino (Lima, 2016).

Na lição de número XV, de 15 de março de 1967, do seminário 14 de Lacan, o termo puberdade é mencionado por Dr. Green,⁴ que mostra como Lacan dividiu as categorias da perda e da falta em relação ao objeto *a* e como fora atraído para a famosa pulsão genital em sua leitura de Freud. Na leitura de Green, a pulsão genital – pelo menos a vocação genital do objeto – corresponde a uma corrente de investimento que responde ao alvo e que fica adormecida até a puberdade. No entanto, a noção de objeto *a*, como vimos, permite avançar a discussão freudiana sobre o tempo lógico da adolescência.

⁴ André Green, psicanalista francês, conviveu (assim como Laplanche, Pontalis, Rosolato, Piera Aulagnier, Serge Leclaire e muitos outros) por vários anos, semanalmente, com Lacan em seus seminários. Mas ele era do “time adversário”, da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP). Pela teoria, Green partiu de uma divergência com Lacan quanto à importância do papel do afeto na teoria psicanalítica, o que o conduziu a seu primeiro livro, *O discurso vivo*, de 1973 (In Neto, 2012).

Na leitura de Consenza (2016), Lacan apresenta a formulação de dois tempos lógicos na adolescência. O primeiro corresponderia à introdução ao inconsciente, como uma dimensão que encenaria a relação sexual, quando o enigma que constitui o inconsciente entra em jogo. O enigma é o primeiro tempo lógico desse processo: tratar-se-ia da elevação sexual a nível inconsciente, que a faz existir para o sujeito numa representação singular, imaginária, num quadro fantasmático.

O segundo momento consiste no nó Real que tal experiência inicial revela ao adolescente, definindo-o como verdadeiro princípio da iniciação: o véu levantando sobre o mistério da sexualidade não mostra nada. O segundo tempo lógico do processo da iniciação sexual na adolescência é aquele em que o jovem adolescente se depara, em suas primeiras vicissitudes da vida sexual com seus parceiros, com a inexistência da relação sexual, como experiência que faz trauma para ele (Consenza, 2016).

Nesse segundo tempo, o adolescente experimenta que, na relação sexual, o gozo é irreduzível e não faz relação. Esse tempo de “não há relação sexual” estaria ligado estruturalmente ao primeiro tempo, durante o qual, ao contrário, a relação sexual existe, é representável para o sujeito e funciona como um véu inconsciente do buraco da relação sexual como existente. É exatamente nessa tensão dialética entre o que leva o adolescente a fazer existir a relação sexual (T1) e o encontro traumático com sua inexistência (T2), entre o tempo do véu e o tempo do trauma, que se estrutura a iniciação sexual do adolescente (Consenza, 2016).

No momento em que o sujeito se depara com a falta no Outro, ele constrói uma resposta sintomática a essa falta: “Ao se deparar com a impossibilidade Real da castração, o sujeito adolescente constrói um Outro a quem se ligar. É uma ficção que visa a relação entre o sujeito e o outro, é a articulação significante que encobre o Real” (Lima, 2009, p. 161). Esse é o primeiro tempo lógico da adolescência, quando o sujeito faz existir a relação sexual,

trabalho psíquico fundamental para a construção de uma resposta sintomática à inexistência da relação sexual, segundo tempo lógico da adolescência.

Ao se deparar com o que faz furo no saber, o sujeito adolescente precisa construir novo saber sobre si que possibilite alojar o seu gozo e sustentar seu desejo (Lima, 2009). Esse saber sustenta-se na fantasia a posteriori, que lhe permitirá organizar sua existência, sua relação com o mundo e com o gozo.

Na puberdade, em resposta ao furo no Real, o sujeito constrói um sintoma, através da articulação do gozo ao campo simbólico. Entretanto, resta uma dimensão do gozo não traduzido pelo simbólico, que se manifesta no *sinthoma* e traduz o que há de mais singular em cada um. Miller (2010) distingue o inconsciente Real de Lacan do inconsciente transferencial de Freud. Neste, o inconsciente tem sentido e se interpreta, ao passo que naquele, o Real se deposita sobre a exclusão de todo sentido. O inconsciente transferencial, como sintoma, é uma formação do inconsciente, endereçado ao Outro. O inconsciente Real diz respeito à dimensão de gozo que não faz laço social, que não tem endereçamento ao Outro. Ao desalojar o Outro, Lacan desloca a noção do sujeito, indicando que, em seu lugar, deve vir a noção de *falasser*.⁵ O *sinthoma* evoca a forma singular de gozo. Na direção do tratamento, espera-se que o adolescente possa conferir uma nova resposta que oriente sua forma de gozo e, para além dessa dimensão simbólica, que ele possa tratar o que não é traduzível em palavras.

Propomos pensar da seguinte forma o percurso da adolescência: do despertar do Real do sexo à estabilização da realidade pela fantasia. Esse percurso seria realizado em três tempos lógicos, como será demonstrado a seguir:

1. O encontro com o Real do sexo desestabiliza a relação do sujeito com a realidade, e desperta a angústia.

⁵ *Falasser*, termo que condensa o sujeito do significante com a substância gozante e inclui na noção de sujeito o corpo. Palavras-chave: sujeito; significante; desejo; gozo (Camargo, 2007).

2. A reorientação da fantasia leva à atualização em relação ao objeto, promovendo uma estabilização da realidade e apaziguando a angústia.
3. A reorientação da fantasia possibilita a construção de uma resposta sintomática ao Real da puberdade.

Em uma breve leitura topológica, Lima e Santiago (2009) ressaltam a constituição da realidade psíquica a partir do enlaçamento de três dimensões topológicas: o simbólico, o imaginário e o real. O registro simbólico designa a relação do ser falante com o significante; o registro imaginário, a relação do ser falante com a imagem; e o Real, com o objeto. O Complexo de Édipo é o que amarra os três registros. O despertar do Real do sexo leva o sujeito a um afrouxamento do nó que amarra a estrutura. Se o Complexo de Édipo é uma amarração da estrutura, há na puberdade uma exigência de um novo enodamento, fazendo um trabalho de amarração com os restos do enlace do sujeito ao Outro.

A fórmula da fantasia aponta que entre sujeito e objeto não há relação. O objeto *a* não pode ser assimilado pelo simbólico e permanece como Real. A fantasia é, pois, uma maquinaria complexa, que articula de modo paradoxal dois elementos heterogêneos, simbólico e Real. A articulação entre eles é marcada pela junção/disjunção. A função da fantasia, portanto, é a de operar um enodamento entre o simbólico e o Real.

A construção da fantasia na adolescência é uma resposta ao que surge enigmático no campo do Outro. Se, por um lado, ela envolve um recobrimento da castração, por outro, envolve uma construção própria que leva o púbere à separação da posição de objeto da fantasia materna. Ao construir uma resposta fantasmática ao enigmático desejo do Outro, o sujeito tece a trama de seu destino. Barros (1996) resalta a dimensão paradoxal da fantasia: ela só é possível a partir da separação, ao mesmo tempo que tenta encobrir o que provocou a separação, ou seja, o que se revelou como opaco no próprio gozo do sujeito e no desejo do

Outro. Assim, há na adolescência a possibilidade de um encontro que rompe a continuidade edipiana, pois o sujeito, ao se confrontar com aquilo que escapa à determinação significativa, ou seja, seu gozo desconhecido, pode se responsabilizar por essa nova forma de gozar (Lima, 2009).

Há, portanto, uma reorientação da fantasia na adolescência que permite enlaçar gozo e linguagem, tecendo um véu sobre o nada enigmático do gozo, dando-lhe um sentido. No seminário 20, Lacan demonstra que a verdadeira função da fantasia é a de dar uma resposta ao feminino, que é uma ausência, ou seja, é a de lhe dar alguma consistência (Soller, 2000).

2.3. A fantasia para o adolescente na contemporaneidade

A função da fantasia tem sido considerada, por muitos autores, como esvaziada na contemporaneidade. O que antes era um aparelho para organizar o gozo, parece falhar nessa função. Vieira (2002) levanta a hipótese de que existe uma inversão habitual na ordem da fantasia, ou seja, a fantasia não encontra mais o mesmo apoio na cultura. Como exemplo, ele menciona que habitualmente acreditamos que se vai à guerra por alguma razão precisa e delimitada. Primeiro os fins, em seguida os meios, o que justifica ao sujeito pagar o preço de abrir mão do gozo. A promessa fálica leva o sujeito a abrir mão do gozo. Mas essa promessa não parece estar mais no horizonte. Seguindo a mesma leitura, Fuentes (2019) aponta que a promessa fálica encanta cada vez menos e o gozo, disjunto do desejo, desarticulado do dizer, mostra-se cada vez mais. Para Stevens (1998), as chamadas passagens ao ato são respostas clássicas quando falha a fantasia no período da adolescência.

Na mesma perspectiva, Machado (2015) aponta que o declínio da função da fantasia resulta das mudanças sofridas pela autoridade e, conseqüentemente, do lugar que o simbólico ocupa em nossos dias. De um Outro calcado na tradição, passamos a um Outro sem sinal, que

tende ao relativismo. Sendo assim, a sexualidade e tudo o mais que diz respeito à constituição do sujeito, não ficam imunes a essas mudanças, na medida em que é da relação com o Outro que se deduz um sujeito. Segundo a autora, quando o Outro era uma ordem, podia haver crença, não uma crença cega, mas aquela que possibilitava a dúvida. Por outro lado, quando o Outro é imperativo, não há dialética, não há suposição, só há descrença, império da angústia. O mercado de consumo funciona como o Outro de nossa época, fazendo crer que o objeto passível de complementar o sujeito existe e pode ser adquirido.

Em *Radiofonia* (1970/2003), Lacan coloca que o objeto *a* alcançaria a sua maior elevação a partir do discurso capitalista,⁶ tornando-se um objeto esvaziado de sentido, apenas como uma função de preencher um furo. Esse objeto ganharia um contorno mais relacionado ao Real, uma vez que não estaria mais tão orientado pelo bordejamento do enigma, apenas como uma satisfação pulsional a ser satisfeita.

Em seu texto *A bússola do sim e do não*, Lacadée (2014) afirma que os adolescentes buscam cada vez mais objetos de consumo como ordenadores de suas vidas. Com isso, eles abrem mão de um saber sobre o que sentem e se utilizam dos objetos como modo de não pensar, ou, ainda, para evitar a necessidade de ter que tomar uma decisão.

A influência virtual não foge desse ordenamento do mercado. Miller (2015), ao mencionar a incidência das tecnologias digitais sobre a adolescência, aponta que há uma extensão do universo dos possíveis, refletindo até no prolongamento da adolescência. Machado (2015) aponta que a internet facilita e até convida a um gozo que não passa pelo Outro. Nessa perspectiva, o caminho que levaria ao desejo não precisa ser trilhado, e nada do gozo precisa ser cedido. O direito ao gozo não é mais uma demanda, é uma exigência que

⁶ Lacan desenvolve a teoria dos Discursos mostrando como sujeitos fazem laço social. Os quatro discursos são estes: Mestre, Histórica, Universitário e Analista. Em 1972, Lacan articula o discurso capitalista que e que este não faria laço social.

elimina a negociação com o Outro. Se a fantasia é uma ficção que liga o sujeito ao Outro, ela passa a ser esvaziada no contemporâneo.

A incidência virtual em todos os setores da vida pode reforçar e sustentar uma posição de gozo sem negociação com o Outro. O esvaziamento da fantasia geraria uma série de fenômenos, muito evidentes na atualidade, como as adições e a passagem ao ato.

Miller (2015) destaca a produção pornográfica na virtualidade. Para ele, o “pornô” é uma fantasia fabricada, filmada para ser vendida. Na mesma perspectiva, Machado (2015) ressalta que a internet é fértil para práticas sexuais de toda ordem. Ela comenta sobre a comunidade otaku no Japão, na qual os jovens declaram o seu desinteresse pelo ato sexual. Trata-se de uma geração de homens para os quais o contato social se dá via computadores em torno dos animes e mangás. Eles mantêm relacionamentos com namoradas que só existem no universo paralelo. A grande maioria se dedica exclusivamente a relacionamentos com personagens de videogames e uma minoria que conseguiu se casar, diz preferir sua parceira do Love Plus⁷ à esposa que tem em casa. Mas, para a autora, o que interessa notar é que tanto o recurso ao catálogo pornô quanto o nada de sexo são faces da mesma moeda, que busca afastar os impasses da relação sexual. Evitar o encontro através de soluções radicais revela-se menos uma interdição e mais um empuxo ao gozo, uma providência diante do enfraquecimento da ordem simbólica, consequência, quem sabe, do desencanto com o Outro. A fantasia viria num formato fabricado, generalizado, não roteirizado pelo próprio sujeito. Nessa perspectiva, nos questionamos se a fantasia poderia se servir da virtualidade de modo a operar sobre o Real no contexto contemporâneo.

Consenza (2016) aponta que em nosso tempo estamos vivendo um fechamento substancial do inconsciente. De fato, percebemos em nossa experiência clínica, que o sujeito

⁷ Jogo simulador de namoro.

recusa a negociar com o Outro. No entanto, o extrato clínico apresentado nos aponta uma tentativa de o sujeito realizar, pela virtualidade, uma pergunta pelo desejo.

Se a virtualidade proporciona uma experiência subjetiva próxima do que se experimenta pela via inconsciente, teria a fantasia se utilizado desse espaço para operar certo tratamento do Real?

3. APROXIMAÇÃO ENTRE FANTASIA E VIRTUALIDADE: SEM CONSEQUÊNCIAS?

*Dove, dove non bate il sole
Scopri le mie voglie
Copriti soltanto con due foglie
Dove non bate il sole
Tutto è virtuale
Però almeno questa è vera pelle*
Arisa, 2019¹

Neste capítulo apresentaremos duas características da teoria da virtualidade para fazer uma aproximação entre a fantasia e o *ciberespaço*. Em primeiro lugar, a sua potência, vinculada à capacidade de “vir a ser”, em segundo lugar, a topologia da superfície. Essa leitura visa aproximar a realidade psíquica da realidade virtual.

Para analisar a sua potência, usaremos como principal referência a leitura de Pierre Lévy, teórico da comunicação, sobre a virtualidade. Para refletir sobre a topologia da superfície, será utilizada a faixa de Moebius.

Tanto a potência quanto a perspectiva topológica de superfície da virtualidade irá servir como apoio para pensarmos a lógica do inconsciente e sua relação com o ciberespaço. Nessa aproximação, defenderemos que a fantasia possui a mesma lógica espaço-temporal do ciberespaço, sendo, portanto, suscetível à atualização no ambiente virtual.

Posteriormente, analisaremos o modo particular do uso da virtualidade a partir do caso clínico apresentado no primeiro capítulo.

¹ *Onde, onde não bate o sol/ Descubra os meus desejos/ Cubra-se somente com duas folhas* [referência a Adão e Eva]/ *Onde não bate o sol/ Tudo é virtual/ Mas ao menos esta pele é de verdade*. Música *Dove non batte il sole*, de Arisa, tradução nossa.

3.1. A potência da virtualidade

Nossa leitura sobre a virtualidade tem Pierre Lévy² (1996) como principal referência. Segundo o autor, podemos observar um movimento geral de virtualização que afeta não apenas o âmbito da informação, da comunicação, mas também os corpos, o funcionamento econômico, enfim, os quadros coletivos da sensibilidade. A palavra virtual vem do latim medieval *virtualis*, derivado de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, virtual indica potência, e não ato. Lévy exemplifica essa potência a partir de uma árvore. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferente (Lévy, 1996).

O real³ seria aplicado como sendo da ordem do *tenho*, da materialidade, e a implicação do virtual no real seria da ordem do que pode se ter. De forma equivocada, a palavra virtual pode ser empregada como ausência de realidade, entretanto, o virtual aponta a possibilidade de concretizar-se na realidade. Essa leitura de Lévy se baseia na perspectiva de Deleuze em *Différence et répétition* (1968), segundo o qual a possibilidade já garante a existência. A virtualidade permanece no limbo até o momento de se realizar (Lévy, 1996). O conceito de atualização mencionado acima aparece como uma ideia de solução de um problema. A atualização é criação, invenção de uma forma a partir de um contorno dinâmico de forças e finalidades, e a virtualidade seria alimentada pelas novidades dessa atualização.

Em seu livro *O que é virtual?*, Lévy (1996) ressalta que é possível pensar a qualidade da virtualização nos corpos, nos textos, na economia e no pensamento. Para o autor, a virtualidade é um conceito anterior a qualquer ideia de *ciberespaço* e de computador. Ela

² Filósofo e sociólogo, Pierre Lévy (Tunísia, 1956) é pesquisador da ciência da informação e da comunicação, com estudos sobre o impacto da Internet na sociedade.

³ O real neste contexto do texto é o real como sentido comum, da materialidade, diferente do Real da psicanálise.

nos ensina que a nossa realidade é potencialmente modificável, plástica.

Segundo Nobre (2014), o *ciberespaço* foi introduzido na literatura de ficção científica em 1984, com o escritor *cyberpunk* William Gibson, em sua obra *Neuromancer*, considerada um clássico do gênero. Gibson compreende o *ciberespaço* como o resultado de um conjunto de redes de computadores no qual circulariam as informações sob diversos formatos, tratando-se de um espaço não físico ou territorial.

Para Lévy (1996), a virtualidade pode ser compreendida em sua dinâmica de potência, e pode ser relacionada ao modo de pensar e conceber o indivíduo e a sua realidade. Outro autor considerado referência nos estudos sobre o *ciberespaço*, Lemos (2008) pondera que a palavra virtual surge no início do século XVII, no campo da óptica, para descrever a imagem refratada e refletida de um objeto. No século XIX, no campo da física, surge o conceito de velocidade virtual de partículas subatômicas. No século XX não mais se reconhece a realidade como algo desvelado por um observador neutro, objetivo e racional, mas a criação da realidade se daria no próprio ato de observar. A física contemporânea relativiza, portanto, a concepção newtoniana de realidade.

No campo da informática, verificamos que a palavra virtual aparece em meados de 1970, quando a IBM⁴ lança um produto-conceito chamado memória virtual, incluído nos seus *mainframes*.⁵ Porém, a ideia de realidade virtual desponta de mundos artificiais formados por imagens de síntese. O computador, como máquina de simulação, é por si só uma metamáquina que, virtualmente, reúne um conjunto de outras máquinas ou ferramentas virtuais, tais como: processador de texto, imagem, som, vídeo etc. De acordo com Lemos (2008), o conceito de virtual, no seu sentido telemático ou informático, tem trazido à baila questões relativas à desrealização da experiência e ao medo da perda de contato com a

⁴ A Internacional Business Machine Corporation (IBM) é uma empresa dos Estados Unidos voltada para a área de informática.

⁵ Computadores de grande porte com o intuito de processar um volume grande de informações.

realidade. O autor aponta para o pensamento de J. Lanier,⁶ para quem os sistemas de realidade virtual estimulam a experimentação. A representação do mundo seria sempre uma reconstituição e uma construção da realidade. Assim, o significado do mundo não estaria nas coisas, mas na relação entre elas. A percepção da realidade e a sua identificação não se dariam nas coisas do mundo, mas no que estaria entre elas, nas formas de percepção e interpretação dos eventos do mundo.

Nesse sentido, Lemos (2008) ressalta que a realidade é um consenso mais ou menos estável, um produto de virtualizações e atualizações constantes. Não somente o conceito de virtualidade é complexo, mas também o próprio conceito de realidade. Na concepção do autor, a realidade é consequência de condições históricas específicas, de uma percepção particular do tempo e do espaço, assim como da natureza e do artifício, da vida e da morte. A realidade, ou aquilo que o ser humano toma como real, seria uma alucinação consensual produzida e mantida por um consenso mais ou menos temporário.

Lemos (2008) faz menção ainda ao pensamento de McLuhan,⁷ que define a virtualidade como o que torna complexa a nossa visão de mundo sobre a realidade. Segundo o autor, a virtualidade e as tecnologias a elas vinculadas mudaram para sempre o modo de vida ocidental. Nesse sentido, ele acredita que a tecnologia pode nos proporcionar mais realidade do que a natureza. Para Lemos (2008), não se trata de dizer que no futuro tudo será virtual e que perderemos o senso da realidade, mas sim de apontar o modo arrogante como consideramos que “a realidade” deveria ser. Todos os totalitarismos e atrocidades cometidos pelos homens foram realizados em nome de uma realidade única, que deveria ser imposta à outra, supostamente falsa e perigosa.

⁶ Jaron Lanier (New York, 1960), músico e cientista de computação estadunidense.

⁷ Herbert Marshall McLuhan (1911-1980), conhecido educador, intelectual, filósofo e teórico da comunicação canadense.

Quando analisamos a concepção de virtualidade, percebemos a sua relação com a construção da realidade. Mas como poderíamos pensar as relações entre virtualidade e fantasia, já que a realidade para a psicanálise é fundamentalmente realidade psíquica?

De acordo com Nobre (2014), a fantasia é inconsciente e possui as mesmas características plásticas tributárias deste. Ele remete a Freud (1909/1970) e sua discussão metapsicológica sobre o inconsciente, que define o inconsciente em sua dimensão virtual, que vai além da dimensão tópica. No texto *A interpretação dos sonhos* (1909/1970, parte II), Freud afirma que os pensamentos e as estruturas psíquicas em geral nunca devem ser encarados como localizados em elementos orgânicos do sistema nervoso. Para Nobre (2014), Freud nos oferece um sinal de que a problemática psíquica se encontra para além da causalidade orgânica, sendo, portanto, virtual. O pensamento surge como pura possibilidade, o que seria o melhor exemplo do que se compreende como virtual, uma vez que no pensamento tudo está em condição de possibilidade. Se o pensamento contém essa qualidade virtual, a fantasia possuiria a mesma qualidade.

Tendo em vista as considerações acima, podemos inferir algumas aproximações e divergências entre virtualidade e fantasia. Apesar de virtualidade e fantasia serem conceitos ontológicos diferentes, ambas teriam, em sua constituição, a capacidade de potencializar as realidades. A fantasia e a virtualidade no *ciberespaço* teriam essa condição do pensamento de atualização, potência e invenção. Se a fantasia é inconsciente, o sujeito não a produz no espaço virtual de forma consciente, mas ela pode ser potencializada ou atualizada diante da gama de possibilidades que o espaço virtual oferece. Como nos lembra Nobre (2014), ela é explorada por meio de conteúdos imagéticos e textuais. Os diversos roteiros virtuais servem como um convite à experiência da fantasia, potencializando as buscas afetivo-sexuais.

Como divergência entre o ambiente virtual e a fantasia, consideramos a premissa do inconsciente. Os estudiosos da virtualidade consideram que a realidade é subjetiva e

fragmentada, mas não reconhecem a existência de uma lógica inconsciente na construção da realidade. No entanto, para ambos os teóricos da virtualidade e da psicanálise, a realidade é de caráter virtual, ou seja, potente e modificável.

A segunda leitura partiria do modelo da banda de Moebius, proposto para pensar a realidade virtual no *ciberespaço* em sua aproximação com a realidade psíquica. O modelo nos ajudará a compreender a lógica espaço-temporal presente na virtualidade e na fantasia.

3.2. O movimento da banda de Moebius: entre a fantasia e o ciberespaço

A faixa de Moebius é um espaço topológico e podemos pensar sua construção da seguinte maneira, com o auxílio de Moreira (2010). Se unirmos as pontas da maneira usual, juntando A com C e B com D, teremos um anel circular comum: uma faixa sem fim, com lado de dentro e de fora. Mas, se antes dermos na faixa um giro de 180°, e então juntarmos os pontos A com D e B com C, o resultado será a faixa de Moebius, como podemos ver a seguir:

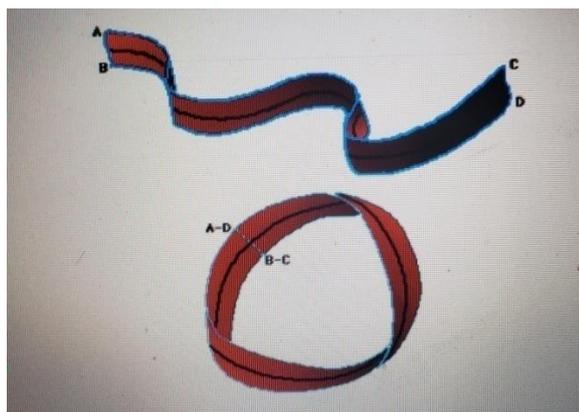


Figura 2

Fonte: Moreira, 2010, p. 65.

A imagem em movimento escolhida para ilustrar a capa do seminário *A angústia* é uma reprodução da gravura *Banda de Moebius*, criada pelo artista holandês Maurits Cornelis

Escher, em 1963. Inspirado no objeto topológico inventado em 1858 pelo astrônomo e matemático alemão August Ferdinand Moebius, Escher reproduziu a banda numa estrutura espacial de superfície infinita incluindo formigas para figurar a continuidade entre os espaços interior e exterior. Lacan, em seu trabalho inicial de retorno a Freud, encontrou na topologia um importante recurso para abordar o aparelho psíquico, analisando as implicações desse modelo topológico na clínica e na ética psicanalítica. A faixa de Moebius permite superar a clássica dicotomia corpo/alma, interior/exterior, fora/dentro.

O recurso topológico da faixa de Moebius oferece a Lacan a possibilidade de acentuar, no sistema inconsciente, a sua característica de superfície. No seminário da *Angústia*, Lacan ressalta a existência de uma singularidade que possui características de superfície. O sujeito é apresentado como a estrutura de uma superfície topologicamente definida, determinada pelo corte. A estrutura é uma superfície e o significante é o corte que a revela. Embora não se limite ao uso das superfícies, é através destas que o autor deu início a um uso mais aprofundado e sistemático da topologia (Triska & D'Agord, 2013).

Os teóricos da virtualidade e da psicanálise podem ser aproximados a partir da noção de realidade, pois ambas as perspectivas mostram um rompimento com a noção de realidade que vigorou no pensamento ocidental, a noção euclidiana. Segundo Carvalho (2012), a geometria de Euclides era vista como a única área do conhecimento humano acima de qualquer dúvida, e outros ramos da própria matemática e mesmo da física só adquiriam significado através da sua fundamentação geométrica. Porém, com o tempo, as premissas euclidianas foram colocadas em questão, provocando uma crise no campo da geometria e outros saberes. Carvalho (2012) acrescenta que, ao colocar em questão os fundamentos euclidianos, houve um abalo nas noções de conhecimento até então postuladas, abrindo espaço para o surgimento do recurso topológico na geometria.

Magno (1999) explica que os objetos topológicos permitem a distorção e possuem a capacidade de serem redobrados, saindo das configurações rígidas e quantitativas. Logo, o pensamento também pode ser concebido por uma estrutura topológica. Em sua leitura da virtualidade, Lévy (1996) se utiliza do modelo topológico da faixa de Moebius, que também foi utilizada por Lacan para pensar a realidade psíquica.

A faixa moebiana só tem um lado, uma face, ao contrário do modelo euclidiano, que tem dois lados e só se pode passar de um lado para outro diante de uma agressão na estrutura. No caso do modelo moebiano, pode-se passar de um lado a outro por continuidade, sem agressão na estrutura. Isso ocorreria em algum lugar mais ou menos mediano. Esse lugar é conhecido pela matemática como ponto não orientável, o ponto bífido. Esse ponto é impossível de ser determinado, assim como não se diferencia a sua parte de cima e de baixo, de dentro ou de fora (Magno, 1999).

Lévy (1996) descreve o virtual como possuindo uma dinâmica própria, que permite a passagem do interior ao exterior e do exterior ao interior. O *ciberespaço* permite, simultaneamente, o privado e o público, o subjetivo e o objetivo, o fora e o dentro. Esse efeito pode ser observado em vários outros campos, incluindo o pensamento, distanciando-nos da ideia de um pensamento dualista, apoiado na lógica de inclusão e exclusão.

No seminário 14 *A lógica do fantasma* (1966-1967/2008), nas lições X e XI, Lacan retoma a subversão do cogito cartesiano propondo o “eu não penso” ou “eu não sou”. O sujeito é para Lacan o corte produzido na reunião desses dois conjuntos. Essa perspectiva pode ser pensada a partir do modelo topológico da faixa. Em nossa leitura da banda, interessamos especialmente a ideia matemática da superfície, uma superfície que tem uma lei vetorial de retroação, que permite compreender o pensamento numa lógica que subverte as noções de tempo e espaço.

Para Lacan (1966-1967/2008), a vetorização permite o movimento de retorno. A banda ilustra a noção freudiana de *a posteriori*, relida por Lacan como *après-coup*, ou seja, só depois. A fantasia como tributária desse corte moebiano também possui essa característica vetorial. Como nos lembra Nobre (2014), a fluidez da realidade virtual permite ultrapassarmos, com bastante praticidade, a rigidez das balizas temporais e espaciais requeridas pela realidade material. Tal fluidez encontra eco na mobilidade da fantasia e, por via dela, opera essa passagem, uma vez que sua propensão a faz amálgama de conteúdos reais e imaginários, dispondo seu caráter móvel nos diferentes aspectos da realidade material. Assim, novos roteiros imaginários podem ser criados por cada sujeito, uma vez que a fantasia, por si só, constitui um movimento prévio que o sujeito não cessaria de empregar em todos os âmbitos da sua vida.

Nessa mesma perspectiva, recorreremos à reflexão proposta por Jiménez⁸ (2014). Para a autora, o aparelho psíquico é virtual, e a realidade virtual seria uma extensão da realidade psíquica. Assim, ela tanto incide sobre o *ciberespaço* quanto sofre incidências dele. O *ciberespaço* é a experiência vivente da virtualidade e pode reproduzir ou capturar o que estaria virtualmente potencializado no inconsciente. Portanto, virtualidade e realidade psíquica não estão em oposição nem são separadas tangencialmente, mas uma conflui na outra, e o *ciberespaço* se presta a uma espécie de suporte material para que esta se concretize. Isso consistiria um movimento moebiano, em que a realidade psíquica agiria como extensão na virtualidade e receberia os efeitos desta.

Lemos (2008), com base em sua leitura de René Berger,⁹ ressalta que a virtualidade é a dinâmica de todos os possíveis e os possíveis de todas as dinâmicas. Essa dinâmica da virtualidade captura exatamente o movimento vetorial da superfície moebiana da fantasia

⁸ Jiménez desenvolve uma tese baseada na pergunta “Quais são as lógicas das redes sociais e virtuais a luz da noção da realidade na psicanálise?”

⁹ Escritor suíço, filósofo e historiador da arte (1915-2009).

inconsciente. Assim, a fantasia é possível de ser atualizada no *ciberespaço*, tanto pela qualidade virtual do inconsciente quanto pela sua dinâmica vetorial.

3.2.1. A fantasia e o Real no ciberespaço

Como vimos no capítulo anterior, é possível pensar a existência de um declínio da função da fantasia em nosso tempo. A influência virtual associada ao discurso de mercado favorece esse declínio. A virtualidade pode ser utilizada pelo sujeito como forma de se evitar o confronto com a não relação sexual, bem como de buscar se orientar por um modo de gozo que foge da regulação do Outro. Essas formas de uso são comuns aos adolescentes de nossa época.

O caso clínico apresentado no primeiro capítulo nos levou a questionar se o espaço virtual poderia ser utilizado como apoio à fantasia. Assim, surgiu a questão se a fantasia, como uma operação que permite certo tratamento do real, poderia se servir da virtualidade para regular o encontro do sujeito adolescente com o outro sexo. É o que discutiremos a seguir.

3.3. A fantasia e o gozo no virtual: há consequências na adolescência?

A definição da fantasia como uma janela para o real pode ser encontrada no seminário 10 *A angústia*, de Lacan (1962-1963/2005). A fantasia teria uma relação com o Real, como uma janela pela qual se pode ver “a realidade” através de um vidro. A fantasia, então, seria como o enquadre da vista de fora (Real). Em sua “Proposição de 9 de outubro de 1967, sobre o psicanalista da escola”, encontrado em *Outros escritos* (1967/2001), Lacan retoma a ideia de janela, apontando que a fantasia que constitui o sujeito será sua janela para o Real. É

importante ressaltar que encontramos outras expressões além de janela para abordar a fantasia, como cortina e véu. O que está em questão nessas expressões é o fato de a fantasia interpor-se entre o sujeito e o objeto.

Esse objeto tomado como causa de desejo, segundo Lacan, é sustentado pela fantasia. Se o desejo é, em sua essência, da ordem da falta, a fantasia é a estrutura que enquadra, emoldura essa falta num certo limite, criando certa “janela para o Real”. Se o desejo é a falta enquanto tal, a fantasia é o que sustenta essa falta radical, ao mesmo tempo que indica ilusoriamente o que a preencheria. Há falta, diz o desejo. É isso que falta, diz a fantasia (Jorge, 2010).

De acordo com Jiménez (2014), a realidade psíquica e os seus efeitos nas redes virtuais nos apontariam que a janela, assim como o *ciberespaço*, oferece um enquadramento do Real. Nessa perspectiva, o mundo da virtualidade se presta para a encenação da fantasia, tendo uma relação significativa com o objeto (Jiménez, 2014). A autora ressalta que é bem clara a função que cumprem esses dispositivos para cada sujeito, conforme a verificação do caso a caso. Destaca ainda que a predominância da incidência imaginária no ambiente virtual, tendo como função velar a castração.

Para Jiménez (2014), os jovens na atualidade encontram na tela uma ordenação da realidade, uma realidade que se torna consistente com o apoio do registro do imaginário, porém, não é uma ordenação pacificadora. Segundo a autora, a debilidade mental parece fortalecida pela supremacia da imagem e os sujeitos transformam os objetos *a* em objetos *gadgets* do mercado. São sujeitos que estão cada vez mais alienados às suas identificações imaginárias. A imagem do objeto está cada vez mais separada de seu desejo e cada vez mais submetida ao mercado do gozo. Nessa época de predominância do gozo, em que os relacionamentos são descartáveis, não há lugar para o sujeito e, conseqüentemente, para o desejo.

Consenza (2016) colabora para a nossa reflexão apontando que acompanhamos a perda do véu da fantasia em torno do enigma da sexualidade na relação do adolescente contemporâneo com o sexo. Essa perda ocasiona um impasse no processo de sintomatização da própria puberdade. Para o autor, podemos situar, antes de tudo, uma dificuldade do adolescente contemporâneo em se colocar no T1 (tempo 1) da iniciação sexual, ou seja, no encontro do sujeito com o sexo como enigma inconsciente.

No extrato clínico apresentado, vimos que Vitória utiliza o espaço virtual para aproximar-se de um rapaz, garantindo o afastamento entre os seus corpos. Através do jogo, ela questiona o lugar da mulher no desejo de um homem, colocando em questão o saber que construiu acerca do lugar de objeto degradante que ela estaria designada a ocupar. Depois do jogo virtual, Vitória teve um relacionamento breve com um rapaz. Poderíamos pensar que esse jogo conferiu algum tratamento ao real, favorecendo a sua aproximação corporal?

Como sinaliza Consenza (2016), o primeiro nível de dificuldade para o adolescente de hoje consistiria em fazer existir a relação sexual, fazer existir um Outro do Outro, em um mundo que se caracteriza por um fechamento substancial do inconsciente. Esse fechamento não permitiria ao sexo adquirir para o sujeito um valor enigmático. Para o autor, essa ausência da estruturação do sexo como representação inconsciente traz prejuízos para o adolescente no segundo tempo lógico, que seria o da iniciação como trauma da inexistência do Outro. Consenza (2016) parafraseia Miller, que diz que sem o véu fica-se sem ideal, não havendo, assim, um trauma subjetivável.

Vitória demonstra a prevalência do gozo sobre o desejo. Para analisar essa questão, seguimos com Lacan (1966-1967/2008) ao abordar a diferença entre o desejo e o gozo. Lacan afirma que desejo não é gozo. O exemplo oferecido pelo autor é o da ereção como um fenômeno que deve ser situado no “caminho do gozo” e que precisamente é pedido para que se opere o ato sexual; e que não se para aí, é gozo autoerótico. O desejo não tem nada a ver

com a demanda, pois a demanda estaria ligada à experiência primeva da necessidade, ou seja, do gozo.

Para Lacan (1966-1967/2008) o desejo surge da demanda e é por isso que o desejo no inconsciente é estruturado como uma linguagem. Ou seja, o desejo surge da dimensão da demanda, mesmo que a demanda seja satisfeita no plano da necessidade. É por ser demanda articulada que ela permite que algo seja descolado. Isso quer dizer que a constituição do desejo passa pela falha estrutural da demanda, como uma espécie de “carona” pela dimensão pulsional de preenchimento da necessidade. Lacan (1966-1967/2008) acrescenta que, por isso, é coerente dizer que o desejo é o desejo do Outro. Sua falha se produz no lugar do Outro, já que é no lugar do Outro que a demanda se dirige. Será essa falha a coabitar com aquilo de que o Outro é também o lugar a título da verdade. Não há em parte alguma o abrigo para a verdade, a não ser onde tem lugar a linguagem (Lacan, 1966-1967/2008, p. 443).

Vitória parece não creditar tanto valor no desejo, embora ensaie algo da posição desejante com um garoto. Ela escolhe qualquer garoto para o jogo e diz perguntar “tudo sobre o sexo”, numa tentativa de abordar o gozo pela via da palavra.

Essa supremacia do gozo no contemporâneo pode ser relacionada com o declínio da imago paterna. Lacadée (2011) retoma Lacan de *Os complexos familiares*, de 1938, que abordava esse fenômeno que, desde então, aumentaria em nossa sociedade moderna: o campo do gozo e não o do ideal passar a orientar o sujeito. Para Lacadée (2011), essa tendência se mostra em um conjunto de fenômenos que testemunham um desmembramento do laço social. Ele destaca o declínio da figura da autoridade desde a modernidade, que se encontra em outro lugar, tendo a família, os pais e a escola perdido passo a passo o controle que tinham sobre o adolescente. Há um desmoronamento da autoridade exercida em nome do pai, isto é, um desmanche do crédito dado ao pai.

Essa queda de ideal produz efeitos na relação do sujeito com o objeto: o sujeito sempre encontra uma falta, pois a pulsão em jogo se satisfaz não com o objeto como tal, e sim com o trajeto que se faz em torno dele. O objeto de gozo desde sempre é um objeto perdido, o objeto mítico que o sujeito busca no Outro. Essa falta inerente ao ser humano assume consistência lógica com o uso dos objetos que têm valor de um *mais-de-gozar*, que assumem o seu lugar e se orientam como objetos de substituição.

O *mais-de-gozar* é um termo apresentado por Lacan no final da década de 1960. Lacan nomeia *mais-de-gozar* aquilo que faz com que a máquina funcione. Recorrendo ao exemplo de Marx sobre a mais-valia, Lacan (1970/2003) entende que a mais-valia seria causa de desejo do qual se faz uma economia, isso seria o seu princípio, o da produção extensiva, portanto insaciável, da falta de gozar. Esta se acumula, por um lado, para aumentar os meios dessa produção como capital, ampliando, por outro lado, o consumo, sem o qual essa produção seria inútil, justamente por sua inabilidade para proporcionar um gozo que possa tornar-se mais lento.

O aparecimento do objeto *mais-de-gozar* é concomitante ao enfraquecimento da função paterna, desse “ao menos um” essencial à transmissão da castração dos homens. Não se acredita mais no pai, em seus ideais, sua posição de exceção é vista como uma forma de impostura. A denúncia se faz ao preço de uma confusão, pois o fato de não acreditar nos ideais do pai não implica que devemos rejeitar o significante mestre. O pai, na condição de significante mestre, não é uma impostura. É uma função necessária a ser utilizada. Reconhecer sua posição de exceção é justamente o que permite que o sujeito vislumbre a existência de diversas exceções (Lacadée, 2011).

Lacadée (2011) acrescenta que, desse ponto de vista, tais objetos *mais-de-gozar* apresentam uma dupla face: de um lado, introduzem um *mais*, porém, do outro, são a lembrança constante de uma falta de gozo. Para o autor, o esmagamento das estruturas sociais

pelos progressos tecnocientíficos acabam por transformar o despertar da primavera em uma primavera incendiária, em que alguns jovens acabam apenas incendiando o objeto de consumo que não é mais o objeto de nenhum sonho, como também destruindo as insígnias de todos aqueles que os chamam à ordem. O autor acrescenta, citando Miller:

Como Lacan indicou, há algo de loucamente astucioso no discurso moderno, em razão de sua aliança com o discurso capitalista que empurra o sujeito para o consumo. De fato, é uma máquina destinada a produzira falta de gozo, de forma a sustentar o consumo e, portanto, a produção. Isso funciona em circuito fechado, e nesse discurso o sujeito barrado, dividido, está em posição de ser completado pelos objetos que ele produz. Há nesse modo de gozar contemporâneo, no entanto, uma “grande prioridade” (Miller, 2002c:16), pois se trata de um gozo que deixa de passar pelo Outro, ou seja, esse gozo não se articula mais “garantido pela coletivização do modo de gozar [...] não é mais incrustado, organizado e solidificado pelo ideal.” (Lacadée, 2011, p. 113)

Com isso, Lacadée (2011) questiona a razão de o adolescente ser tão atraído por esses objetos de *mais-de-gozar*. Porém, é importante pensar que tal efeito é igualmente visto pelo consumo de jovens, não somente de adolescentes. A resposta estaria na fórmula lacaniana da inexistência da relação sexual. O adolescente quer gozar cada vez mais dos objetos que o mundo lhe oferece. A nossa época é a dos adolescentes do Real, que preferem não só curto-circuitar o Outro, portador de uma fala para a qual eles não dão credibilidade, como também tratar o gozo pela relação direta com o objeto de consumo (Lacadée, 2011, p. 114). A virtualidade, segundo Miller (2015), colabora com o discurso do mercado, a partir de todos os possíveis, favorecendo a ideia de fácil acesso ao objeto de consumo.

Em *Radiofonia*, Lacan (1970/2003) aborda a importância de se reconhecer este mais de gozar que leva a dizer: “Isto é alguém”. Vitória não escolhe um garoto para jogar, pois, segundo ela, podia ser “qualquer um”. Em sua identificação com o pai, havia uma supremacia do gozo sobre o desejo. Como vimos, o ciberespaço pode oferecer algum recurso simbólico e imaginário para o tratamento do Real, mas, por outro lado, o mundo virtual pode ser utilizado como um recurso para adiar o encontro com o outro sexo. Vitória buscava se orientar pelo

gozo, que é exemplificado em sua fala sobre o jogo virtual: “É a melhor parte: não há consequência”.

A nossa hipótese é a de que, através do distanciamento entre os corpos, Vitória buscou proteção contra a emergência do seu desejo, que poderia colocá-la em risco de corresponder à posição de objeto degradado pelo homem. No entanto, a distância física facilitou o seu endereçamento de questões sobre a sexualidade a um rapaz.

Depois do jogo, Vitória começa a namorar. Se Lacan ressalta a importância da fantasia no tempo preliminar ao encontro sexual, o jogo virtual teria operado como um apoio à fantasia, fazendo existir a relação sexual?

Acreditamos que a escuta clínica e a instauração da transferência conduziram a certa vacilação da fantasia infantil, levando Vitória a buscar, no espaço virtual, alguma aproximação com os rapazes, se esquivando, contudo, do encontro corpo a corpo. Por meio do jogo, ela busca saber como os homens pensam e sonham com as mulheres. A função do enigma parece se instaurar, passo importante para a reconfiguração da fantasia. Como destaca Consenza (2016), nesse primeiro tempo, o sujeito constrói a fantasia da relação sexual, a partir do encontro com o enigma do desejo do Outro.

A fantasia pode se servir da virtualidade, permitindo a sua reorientação, mas não acompanhamos esse processo no caso de Vitória. Apesar de relatar o namoro com um rapaz, ela não demonstra grande entusiasmo por ele. Sua escolha não parece orientada pelo desejo, ou seja, ela ainda se defendia do aparecimento do desejo.

Se o trabalho psíquico da adolescência envolve a reorientação da fantasia e a construção do sintoma, não foi possível acompanhar esse processo no caso de Vitória.

Vitória retorna angustiada pouco tempo depois, já tendo terminado o namoro e com muitas dificuldades em relação ao pai. As experiências sexuais com as moças e rapazes são substituídas pelo tema do pai. Vitória passa a falar da sua relação com ele e diz que ele não a

reconhecia como boa filha. Ela ressalta que não suportava o modo como o pai conduzia a vida, as suas mentiras e as suas relações de poder. Acrescenta que se sentia muito sozinha, que não tinha ninguém, frase que foi muito presente no último período dos atendimentos, até que ela interrompe o tratamento.

Consenza (2016) nos adverte sobre o segundo tempo da adolescência em que o Real de fato se presentifica, em que a inexistência do Outro fica clara ao sujeito e a fantasia eventualmente pode falhar. Nesse momento, a angústia retorna como falha do significante. No caso aqui estudado, algo do enigma do desejo se faz presente no jogo virtual, mas não acompanhamos a reorientação da fantasia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso clínico apresentando nesta pesquisa nos mostra a importância de se escutar, na clínica psicanalítica, o uso que o sujeito faz do ambiente virtual. A nomeação do jogo revela a sutileza da escolha dos significantes: *verdade ou consequência*. Em nosso trabalho teórico, buscamos apontar que tais significantes podem ser pensados como derivações da lógica do axioma proposto por Lacan (1966-1967/2008), no âmbito de dois registros: a alienação e a repetição. Propomos articular os significantes da seguinte forma: verdade/alienação e consequência/repetição. Como vimos, para o sujeito emergir é preciso que ocorra a sua alienação à linguagem. O sujeito não foge da condição alienante. No momento em que algo aponta para a impossibilidade de se completar o Outro, surge uma pergunta acerca da verdade. Essa verdade surge como sua inconsistência diante do desejo do Outro e como uma inconsistência do Outro, que se revelará no axioma: “não existe Outro do Outro”. A consequência é o efeito da verdade provocado pelo confronto com a inconsistência do Outro. É desse confronto que Vitória busca se esquivar. O que fica de mais Real na inscrição do sujeito é o que Lacan (1962-1963/2005) chamou de libra da carne, aquilo que sobrevive da divisão do Outro. Entretanto, é exatamente o objeto, enquanto Real, que causa o desejo. Como vimos, o desejo é, em sua essência, da ordem da falta, e a fantasia, a estrutura que enquadra, emoldura essa falta num certo limite, criando certa “janela para o Real”. A fantasia enoda simbólico e real, permitindo a condição desejante. Vitória padece por evitar o desejo.

O extrato clínico apresentado despertou o nosso interesse em estudar a função da fantasia na adolescência. Vitória não sonhava, mas atuava. Ficava com qualquer mulher, em qualquer lugar, sem nenhum envolvimento amoroso, na frente dos rapazes, assim como marcava e desmarcava encontros com eles. Em seu romance familiar, descreve o pai como um

homem que tem tudo, incluindo várias mulheres. A mãe, bonita e feminina, não era suficiente para capturar o desejo do pai. Vitória também era usada pelo pai em seus jogos de sedução com as mulheres. Para Vitória, desejar um homem era correr o risco de ocupar o lugar de objeto degradante junto a ele. Assim, a jovem buscava se esquivar do encontro com os rapazes, bem como evitava o próprio desejo.

Vimos como a construção do romance familiar tem importante função na adolescência, pois, ao mesmo tempo que vela a castração, ela só é possível a partir do seu confronto. Vitória se dá conta de sua posição paradoxal em relação aos homens, o que lhe abre a via do enigma do desejo.

O espaço virtual serviu como uma forma de aproximação a um rapaz. Apesar de buscar a “verdade sobre o sexo”, a verdade é da ordem de um enigma e não pode ser apreendida. Vitória se esquivava da verdade da castração e de suas consequências.

Acreditamos que Vitória busca, através do jogo, uma via simbólica e imaginária para tratar o Real. Como vimos, realidade psíquica e espaço virtual comumente confluem uma na outra. Entretanto, o jogo no espaço virtual é marcado pela predominância do imaginário. No contexto atual acompanhamos o apagamento da função da fantasia, com todas as suas consequências. Para Consenza (2016), estamos em um mundo que se caracteriza por um fechamento substancial do inconsciente, o que não é sem relação com o prolongamento da adolescência (Miller, 2015). Se a saída da adolescência envolve a reorientação da fantasia e a construção do sintoma, as condições atuais favorecem o seu prolongamento. O fechamento do inconsciente é o fechamento da janela que permitiria o enquadramento do Real. Sem *enquadrar*, jorra o gozo.

O caso de Vitória é um caso de abandono do espaço clínico. Ele expõe uma angústia inegociável, uma face descarada do Outro Real, que deixou como questões: Como pensar uma orientação clínica diante disto? O que falhou na condução deste caso?

A experiência clínica nos fez recorrer à última lição do seminário *A lógica do fantasma* (1966-1967/2008), no qual Lacan nos alerta sobre o compromisso de apostar no discurso analítico: acreditar no desejo como essência da realidade e conduzir para uma ética particular, nos colocando a questão da covardia e da coragem no mundo contemporâneo.

Entendemos que essa posição se articula ao “crivo” Coragem e Covardia colocado no seminário 14 *A lógica do fantasma* (1966-1967/2008). Lacan realiza uma apologia do vendedor: ao saber que a arte da oferta destina-se a criar a demanda, é necessário fazer alguém desejar um objeto do qual ele não tem nenhuma necessidade, para levá-lo a desejá-lo. Em suma, é pelo desejo do Outro que todo objeto é presente quando se trata de comprá-lo. Com a propensão do discurso capitalista, o sujeito contemporâneo assume uma posição de covardia. Lacan (1966-1967/2008) diz desse comprar como covardia. Podemos entender que, nesse trecho, Lacan traz a dimensão do gozo presente na perspectiva da demanda, que se disfarça enquanto desejo; a covardia do sujeito está em não abrir mão do gozo.

Lacan (1966-1967/2008) ressalta que é exatamente disso que se trata toda essa confusão que se vê no nosso retrato contemporâneo. A covardia no sentido de compra, de consumo como resultado principal, da qual surge essa série de malversações, que são aquelas que a vida resume no signo do desejo.

O desejo seria o que resulta da possibilidade de levar o sujeito sempre mais longe, no sentido de resgatar, “de te resgatar da covardia”. Acreditamos que esta seja a intuição clínica do analista nos dias de hoje: poder resgatar em sua escuta o signo do desejo. Lacan (1966-1967/2008) acrescenta que, no discurso analítico, sabe-se muito bem da dimensão da covardia. A coragem do sujeito é talvez justamente a de jogar o jogo do desejo, do desejo do Outro.

A clínica psicanalítica favorece o resgate do sujeito pela via do desejo, possibilitando a construção da fantasia, para então, no futuro do processo analítico, ser possível atravessá-la. A

clínica psicanalítica visa a uma espécie de *sintonia singular* com o desejo, o *savoir-y-faire*¹⁰ que pode ser situado como um ato de coragem.

Consideramos que o adolescente tanto pode se servir da virtualidade para evitar o encontro com o outro sexo, como pode utilizá-la como apoio para a reatualização da fantasia, permitindo uma regulação do Real, condição para a travessia da adolescência.

Vitória é um caso paradigmático de uma adolescente no contexto contemporâneo, que busca a supremacia gozo adiando o desejo, ou seja, utilizando o espaço virtual para fugir da orientação do Outro: “É a melhor parte, eu nunca vou encontrar esses garotos”.

Tutto è virtuale. Però almeno questa è vera pelle.

¹⁰ Segundo Marcos & Junior (2013) na última parte do ensino de Lacan seria concebido o final de uma análise como uma possibilidade de o sujeito produzir “um saber fazer aí com o sintoma” (*savoir-y-faire*): “Saber lidar com seu sintoma, é isso o fim da análise” (Lacan, 1976-77).

REFERÊNCIAS

- Abel, M. C. (2011). Verdade e fantasia em Freud. *Ágora*, 14, 47-60. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/agora/v14n1/a04v14n1.pdf>
- Ariès, P. (1978). *História social da criança e da família (vol. 2)*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara.
- Barros, M. R. C. R. (1996). Adolescência: que despertar? In H. C. Ribeiro & V. Pollo, V. (Orgs.), *Adolescência: o despertar*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1996.
- Carreira, A. F. (2009). Algumas considerações sobre a fantasia em Freud e Lacan. *Psicologia USP*, 20, 157-171. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pusp/v20n2/v20n2a02.pdf>
- Carvalho, J. F. (2012). Evolução do pensamento matemático, das origens aos nossos dias. *Ciência e Cultura*, 64, 52-55. Recuperado de <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v64n2/a21v64n2.pdf>
- Coelho, M. T. A. D. (2007). Hamlet e o problema da verdade. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 23, 467-472. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v23n4/13.pdf>
- Consenza, D. (2016). A iniciação na adolescência: entre mito e estrutura. *CIEN Digital*, 19. Recuperado de <http://almanaquepsicanalise.com.br/a-iniciacao-na-adolescencia-entre-mito-e-estrutura/>
- Coutinho, L. G. (2009). *Adolescência e errância destinos do laço social no contemporâneo (vol. 1, pp. 17-34)*. Rio de Janeiro: Editora Nau.
- Cunha, C. F. & Lima, N. L. (2012). Uma delicada transição: adolescência, anorexia e escrita. *Latinoam, Psicopatologia Fund.*, 15, 798-811. Recuperado de http://www.fundamentalpsychopathology.org.br/uploads/files/revistas/volume15/n4/cristiane_e_n%C3%A1dia.p.798_a_811.dez.2012.pdf
- Dor, J. (2008) A alienação do sujeito no eu (moi) - O esquema L - A forclusão do sujeito. Recuperado de <http://franklingoldgrub.com/psico/wp-content/uploads/2009/08/A-aliena%C3%A7%C3%A3o-do-sujeito-no-eu.pdf>
- Freud, S. (1990). A interpretação dos sonhos - segunda parte. In J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud (vol. 5, pp. 15-700)*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1990). A teoria transformada. In S. Freud, *A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess (pp. 265-267)*. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1897).

- Freud, S. (1996). Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen. In J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 9, pp. 19-85). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907).
- Freud, S. (1966). Escritores criativos e devaneios. In J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 9, pp. 147-158). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1907).
- Freud, S. (1966). Sobre as teorias sexuais da criança. In J. Salomão (Trad.), *Edição standard brasileira das Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (vol. 9, pp. 187-204). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908).
- Freud, S. (2010) Além do princípio do prazer. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 161-239). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1920).
- Freud, S. (2010). Bate-se numa criança. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas* (vol. 14, pp. 293-327). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1919).
- Freud, S. (2010). Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas* (vol. 10, pp. 108-121). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1911).
- Freud, S. (2011). A perda da realidade na neurose e na psicose. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas* (vol. 16, pp. 214-221). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1924).
- Freud, S. (2011). A negação. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas* (vol. 16, pp. 275-282). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1925).
- Freud, S. (2014). Inibição, sintoma e angústia. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas* (vol. 17, pp. 13-123). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926).
- Freud, S. (2015). O romance familiar dos neuróticos. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas* (vol. 8, pp. 419-424). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1909).
- Freud, S. (2016). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In P. C. Souza (Trad.), *Obras completas* (vol. 6, pp. 13-172). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).
- Fuentes, M. J. S. (2019). Desencanto da sexualidade. *EBP-SP*. Recuperado de <https://ebp.org.br/sp/orientacao-desencanto-da-sexualidade/>
- Iannini, G. D. P. M. (2009) *Estilo e Verdade na perspectiva à metalinguagem* (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, São Paulo.

- Jiménez, D. R. (2014). *Lógicas de las redes sociales virtuales. Real, Simbólico, Virtual* (vol. 1). Medellín: Editora Universidad de Antioquia.
- Jorge, M. A. C. (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan a clínica da fantasia* (vol. 2, pp. 6-238). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacadée, P. (2011). *O despertar e o exílio: ensinamentos psicanalíticos da mais delicada das transições, a adolescência*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Lacan, J (2001). Proposições de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da escola. In J.-A. Miller (Ed.) & V. Ribeiro (Trad.), *Outros escritos* (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1966 e 1967).
- Lacan, J. (1985). O sujeito e o Outro (I): a alienação. In J.-A. Miller (Ed.) & M. D. Magnor (Trad.), *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (pp. 199-210). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1964).
- Lacan, J. (1992). Verdade-irmã de gozo. In J.-A. Miller (Ed.) & A. Roitman (Trad.), *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise* (pp. 56-71). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado entre 1969 e 1970).
- Lacan, J. (1995). Bate-se numa criança e a jovem homossexual. In J.-A. Miller (Ed.) & D. D. Estrada (Trad.), *O seminário, livro 4: a relação de objeto* (pp. 112-132). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1957).
- Lacan, J. (1998). Os circuitos do desejo. In J.-A. Miller (Ed.) & V. Ribeiro (Trad.), *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente* (pp. 468-484). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1957/1958).
- Lacan, J. (2001). A lógica da fantasia. In J.-A. Miller (Ed.) & V. Ribeiro (Trad.), *Outros escritos* (pp. 323-328). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1966 e 1967).
- Lacan, J. (2003). Prefácio a O despertar da primavera. In J.-A. Miller (Ed.) & V. Ribeiro (Trad.), *Outros escritos* (pp. 557-559). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1974).
- Lacan, J. (2005). *A angústia*. In J.-A. Miller (Ed.) & V. Ribeiro (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1962 e 1963).
- Lacan, J. (2008). *A lógica do fantasma*. In A. Lyra et al. (Trads.), *Seminário 1966-1967*. Recife: Centro de estudos Freudianos do Recife. (Trabalho original apresentado entre 1966 e 1967).
- Lacan, J. (2009) De um discurso que não fosse semblante. In J.-A. Miller (Ed.) & V. Ribeiro (Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1971).

- Lacan, J. (2018). Os não-toloserram/ Os nomes do pai. In F. Denez & G. C. Volaco (Trads.), *Seminário entre 1973-1974*. Porto Alegre: Editora fi. (Trabalho original apresentado entre 1973 e 1974).
- Lacan, J. *O seminário, livro 22: R.S.I.* [inédito, 1974-1975].
- Lacan, J. (2003). *Radiofonia*. In J.-A. Miller (Ed.) & V. Ribeiro (Trad.), *Outros escritos* (pp. 400-447) Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1970).
- Lacan, J. (2016). A fantasia fundamental. In J.-A. Miller (Ed.) & C. Berliner (Trad.), *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação* (pp. 383-400). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original apresentado em 1958 e 1959).
- Le Breton, D. (2016). *Uma breve história da adolescência* (vol. 1). Belo Horizonte: Editora PUC-Minas.
- Lemos, A. (2008). *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Lévy, P. (1996). *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34.
- Lima, N. L. & Santiago, A. L. B. (2009). A escrita íntima na puberdade: a tessitura de um véu no encontro com o feminino. *aSEPHallus*, 8. Recuperado de http://www.isepol.com/asephallus/numero_08/artigo_05_port.html
- Lima, N. L. (2016). O saber e a sexualidade na adolescência: o que há de inédito no despertar da primavera. In S. F. C. Almeida & C. P. Medeiros (Orgs.), *Psicanálise implicada. Educar e tratar o sujeito* (pp. 169-182). Curitiba: Editora Juruá.
- Lima, N. L. (2009). *A escrita virtual na adolescência: os blogs como um tratamento do real da puberdade, analisando a partir da função do romance* (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Minas Gerais, Linha de Pesquisa Psicologia, Psicanálise e Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte.
- Machado, O. (2015). Sexualidade virtual. *Opção Lacaniana On-line*, 6 (18). Recuperado de http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_18/Sexualidade_virtual.pdf
- Magno, M. D. (1999). *A psicanálise, novamente um pensamento para o século II da era freudiana conferências introdutórias a nova psicanálise* (vol. 1). Rio de Janeiro: Editora Novamente.
- Marcos, C. M. & Junior, E. S. D. O. (2013). O sintoma entre a terapêutica e o incurável: uma leitura lacaniana. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v25n2/v25n2a02.pdf>.
- Mendonça, R. M. (2018). *A realidade mostrada à maneira dos geômetros: um estudo topológico sobre o conceito de realidade em psicanálise* (Tese de Doutorado). Universidade de Minas Gerais, Linha de Pesquisa Estudos Psicanalíticos. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Belo Horizonte.

- Miller, J. (2010). *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan - O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Miller, J.-A. (2005). Introdução à leitura do seminário da angústia de Jacques Lacan. *Opção Lacaniana*, 43, 7-82. Recuperado de https://drive.google.com/file/d/1avQjEbs0Q_qIMN4s5V1acPkDZv4VN3Jz/view
- Miller, J.-A. (2011). *Perspectivas dos Escritos e outros escritos de Lacan. Entre desejo e gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Miller, J.-A. (2015). Em direção à adolescência. *EBP-MG*. Recuperado de <http://minascomlacan.com.br/publicacoes/em-direcao-a-adolescencia/>
- Milner, J. C. (1996). *A obra clara, Lacan, a ciência, a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Moreira, M. E. R. (2010). Uma rede que se serve de passagem e sustentáculo. *Letras de Hoje*, 45, 62-70. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/7527/5397>
- Nobre, M. R. (2014). *Realidade virtual, realidade psíquica na pós-modernidade: um encontro com Freud na infinitude fantasística do ciberespaço* (vol. 1). Curitiba: Editora CRV.
- Oliveira, F. L. G. D. (2013). Sintoma, fantasia e objeto a na experiência analítica. *aSEPHallus*, 16. Recuperado de http://www.isepol.com/asephallus/numero_16/artigo_03.html
- Ramírez, M. E. (2014). Apresentação do livro “Despertar da adolescência” Freud e Lacan leitores de Wedekind. *Opção Lacaniana*, 15, 1-19. Recuperado de http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_15/Apresentacao_do_livro.pdf
- Silva, M. L. (2014). *A hipótese fantasma: a função do fantasma na construção do conhecimento* (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de São João del-Rei, Psicologia Conceitos Fundamentais e Clínica Psicanalítica. Programa de Pós-Graduação em São João del-Rei.
- Soller, C. *Declinações da Angústia. Curso 2000-2001*. São Paulo: Escuta, 2012.
- Stevens, A. (1998). Adolescência, sintoma e puberdade. *Les Feuillettes du Cortil*, 15, 79-92.
- Stevens, A. (2013). Quando a adolescência se prolonga. *Opção Lacaniana On-line*, 4 (11). Recuperado de http://www.opcaolacanianana.com.br/pdf/numero_11/Quando_adolescencia_prolonga.pdf
- Triska, V. H. C. & D’Agord, M. R. L. (2013). A topologia estrutural de Lacan. *Psicologia Clínica*, 25, 145-161. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652013000100010
- Vieira, M. A. (2002). Como se ri da angústia? In V. L. Besset (Org.), *Angústia* (pp. 71-89). São Paulo, Escuta.

Viola, D. T. D. (2019). A relação entre o conceito e objeto na obra de Lacan e uma hipótese sobre a adolescência. *Revista Ágora - Estudos em Teoria Psicanalítica*, 1. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/agora/v22n1/1809-4414-agora-22-01-51.pdf>

Viola, D. T. D & Vorcaro, A. M. R. (2011). A verdade e o engodo do desejo na leitura do seminário a angústia de Jacques Lacan. *Revista Ágora - Estudos em Teoria Psicanalítica*, 1. Recuperado de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982011000100006